

REESTRUTURAÇÃO URBANA PARA UM CRESCIMENTO EQUILIBRADO DO GRANDE MAPUTO
O CASO DE ESTUDO DE BOANE
Volume II | Anexos



Ana Pinto Jerónimo | 20111079

Projecto Final de Mestrado para Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura na Área de Urbanismo

Júri:

Presidente: Sérgio dos Santos Barreiros Proença

Vogal: Isabel Ortins Simões Raposo

Orientadores: Luís Alberto Torres Sanchez Marques de Carvalho | Cristina Delgado Henriques

ÍNDICE

ENTREVISTAS

Anexo 1. Guião de Entrevistas	11
Anexo 2. Matriz das Entrevistas	13
Anexo 3. Entrevista Luís Lage	15
Anexo 4. Entrevista Domingos Macucule	23
Anexo 5. Entrevista José Forjaz	27
Anexo 6. Entrevista António Gomes	35
Anexo 7. Entrevista Pedro Chaves	39
Anexo 8. Entrevista Carlos Serra	43
Anexo 9. Entrevista Jacinto Loureiro	47

PROCESSO DE TRABALHO

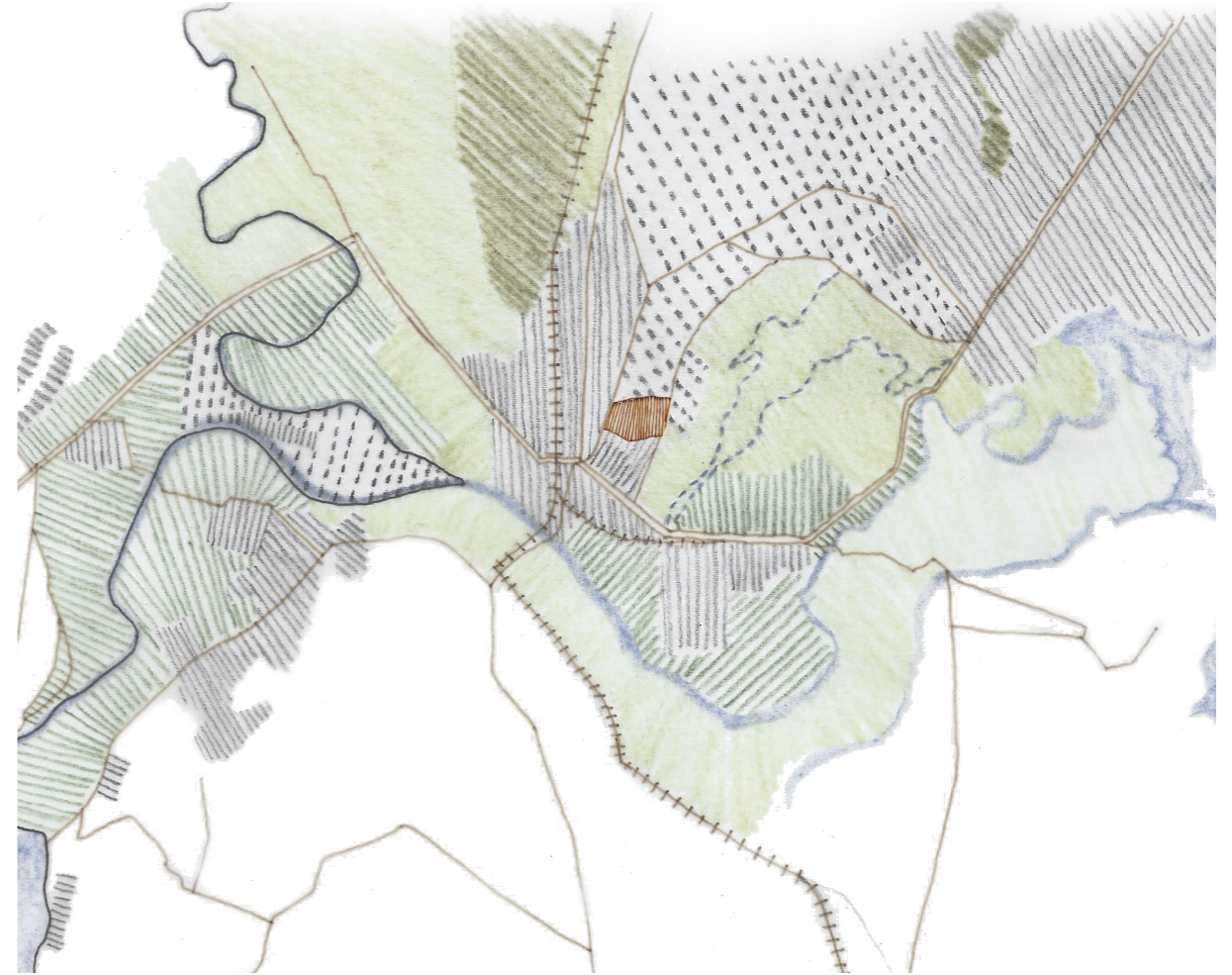
Anexo 10	51
----------------	----

MAQUETES

Anexo 11	63
----------------	----

PAINÉIS

Anexo 12	77
----------------	----



**REESTRUTURAÇÃO URBANA PARA UM CRESCIMENTO
EQUILIBRADO DO GRANDE MAPUTO**

O CASO DE ESTUDO DE BOANE

ANEXOS



ENTREVISTAS

ANEXO 1

GUIÃO DE ENTREVISTAS

QUESTÕES NUCLEARES

1. Como é que a delimitação do Grande Maputo vai condicionar a expansão e ocupação formal e informal do território?

Palavras-chave: grandes infraestruturas, planos existentes, celeridade da ocupação

2. Qual o papel dos novos núcleos urbanos periféricos, nomeadamente Matola, Marracuene e Boane na área metropolitana de Maputo?

Palavras-chave: usos e funções do solo, relação núcleo-núcleo, relação núcleo-cidade de cimento

3. O papel do Distrito de Boane na área metropolitana de Maputo.

3.1. Qual a sua relação com a Cidade de Maputo?

3.2. Quais os usos e funções actuais?

3.3. Como é que os usos e funções do solo em Boane podem no futuro contribuir para o equilíbrio e sustentabilidade económica e ecológica do Grande Maputo?

QUESTÕES DIRECCIONADAS

Gestão E Planeamento Urbano

4. Como propor uma expansão sustentável da Vila de Boane?

Palavras-chave: usos e funções do solo, equilíbrio entre funções

5. Como criar e implementar políticas de ocupação do solo transversais às diferentes classes sociais?

Palavras-chave: concessões de terrenos, direitos de usos e aproveitamento do solo, tipologias de ocupação

6. Como é feita a gestão e operacionalização do território?

Palavras-chave: planos existentes, planos em elaboração, implementação de planos, celeridade da ocupação do solo

QUESTÕES DIRECCIONADAS

Actividade Agrícola

7. Verifica-se um aumento ou decréscimo da exploração agrícola? Quais as razões?

8. Qual o principal mercado?

9. Qual o papel da actividade agrícola para a Vila de Boane e para a área metropolitana de Maputo, actualmente e no futuro?

QUESTÕES DIRECCIONADAS

Rede de Transportes

10. Quais as redes existentes entre Maputo Cidade-Boane e Boane-AM e o seu papel?

Palavras-chave: fluxos, ocupação do solo

11. Quais os planos por implementar num futuro?

Palavras-Chave: BRT, corredores BUS, ciclovias

11.1. Quais os objectivos desta implementação?

11.2. Qual o impacto da implementação desta rede sobre os núcleos?

QUESTÃO FINAL

12. Como seria uma expansão sustentável e equilibrada da área metropolitana? Qual a utopia?

ANEXO 2

MATRIZ DAS ENTREVISTAS

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	K	L	M
1	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
2	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
3	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
4	X	X	X	X			X	X	X	X		
5	X	X	X	X			X	X	X	X		
6	X	X	X	X				X	X	X		
7				X		X				X	X	X
8				X		X				X	X	X
9	X	X		X		X		X		X	X	X
10	X	X	X	X			X	X	X			
11	X	X	X	X			X	X	X			
12	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X

ENTIDADE

FACULDADE DE ARQUITECTURA E PLANEAMENTO FÍSICO

A. Professor Tique

B. Professor Domingos Macucule

C. Professor Luís Lage

MUNICÍPIO DE BOANE

D

AGENTES

G. Promotores Imobiliários

ÍNDIVIDUOS

H. José Forjaz

I. Manuel Araújo

K. Kemal Vaz

L. António Gomes

M. Carlos Serra

ANEXO 3

Luís Lage | *Arquitecto, Professor, Antigo Presidente da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico*

P: Primeiro, começava pela questão da Área Metropolitana, não existindo uma delimitação formal do Grande Maputo, primeiro se fará sentido existir, e se sim, como é que se vai condicionar a expansão urbana e a ocupação formal e informal do território?

R: A primeira vez que se falou em área metropolitana foi há uns anos atrás, há bastantes anos atrás, portanto Maputo, portanto é esta zona urbanizada que está à volta da cidade de Maputo, acho que nunca, somente ... Se não estou em erro só nos anos 80 ou 90 é que foi pela primeira vez tentado tratar deste assunto ligando Matola e Maputo como uma área Metropolitana. Existe até um plano sobre isso, que é o plano metropolitano para a zona de Maputo.

[...]

Primeiro é tentar perceber ... Porque eu estou convencido que não há interesse neste momento nenhum na criação de uma zona metropolitana, politicamente, não há. Porque isso implicaria uma gestão mais ou menos centralizada, portanto, o que existe são cidades e núcleos urbanos, tratar este assunto todo como uma área metropolitana é um assunto que carece ainda de tempo, e de vontades políticas para isso acontecer ... Não sei o que posso dizer sobre ... Esta é a minha percepção sobre o assunto.

P: Uma das perguntas era justamente esta, se fará sentido haver este limite da área metropolitana ou não.

R: Limite? ... Não podemos falar de Área Metropolitana porque ela não existe ... Não existe como ... Vamos dizer ... Administrativamente. A gente pode dizer que Metropolitano que é uma grande área urbanizada, que está por aqui, núcleos urbanizados, que agregam cidades. Agregam a cidade de Maputo, agregam a cidade da Matola, e depois provavelmente, Marracuene daqui a um tempo, e depois provavelmente Boane ... Ok, é disso que estamos a falar não é?... Mas isto não é tratado como área metropolitana, no sentido, no verdadeiro sentido da palavra, ... E para isso é necessário uma gestão centralizada, seria preciso criar uma instituição, alguma coisa que agregasse estes núcleos e definisse as relações de coordenação destas urbanidades que estão aqui, destes centros urbanos ... Mas isso, acho que não há vontade política para isso, neste momento. Portanto ... Se tem sentido no futuro existir, eu acho que sim, vai ter que existir ... Porque estas cidades têm de falar uma com a outra, sobretudo ... Para já, para já, Matola e Maputo, pelos grandes problemas de relações que têm já, de gente que vive lá e trabalha cá, em Maputo, portanto, estas relações todas que metem com questões de transporte, não só ... Sobretudo com infraestruturas de água, de energia, e etc etc, têm de começar a falar uma com a outra.

Portanto isto não se pode tratar duas cidades separadas quando na realidade elas estão interligadas uma com a outra ... E agora com a circular ainda vai ser maior esta relação. Há aqui um conjunto de infraestruturas que estão sendo criadas que envolvem estas duas cidades que qualquer dia elas têm de começar a falar uma com a outra. Para já estas duas. Marracuene seguramente no futuro, porque Maputo já chegou ao limite de Marracuene ... Em termos físicos, em termos de ocupação territorial, em termos de ocupação mesmo de solo urbano, em termos da urbanização que já está a acontecer, portanto qualquer dia têm que começar a ... Para as pessoas que, provavelmente, estão na fronteira da cidade de Maputo, para se dirigirem ao Distrito de Maputo, têm de percorrer mais quilómetros do que se forem a Marracuene resolver lá os seus problemas administrativamente, portanto aqui há questões que têm de ser consideradas, porque não se pode falar de área metropolitana sem se falar nisto, ok?

P: E qual é que seria o papel destas áreas urbanas periféricas ... Marracuene, Matola a uma escala diferente, e mais tarde Boane, nesse limite “imaginário” da área metropolitana?

R: É assim, eu ... A visão que eu tenho de uma área metropolitana é uma área que tem centralidades, que tem vários núcleos ... Quer dizer ... Núcleo urbano com centralidades urbanas. O que está a acontecer é que tudo o que acontece nestas zonas ... Matola já nem tanto porque Matola já começa a ter e a ser por si uma centralidade. Mas Marracuene não tem ... Boane não tem ... Portanto tudo acontece, os serviços todos, quer os grandes serviços, vão ter que se recorrer à cidade de Maputo ou à Matola. O futuro na realidade é desenhar como é que estes centros, chamemos-lhes centros urbanos existentes actualmente, como é que neles pode crescer uma nova centralidade, ou devem crescer novas centralidades, ou seja, dotá-los de serviços, de infraestruturas, de funções que façam com que as pessoas não tenham que se deslocar a Maputo para resolverem os seus problemas ... Mas para isto é preciso fazer-se uma planificação grande ... É preciso planificar, perceber que de facto isto existe, que isto é tudo uma unidade, urbana ... Desenhar muito bem o que é que são os limites destes centros, portanto ... E definir qual é a estratégia de criação destas centralidades e os mecanismos todos de gestão que isto vai ter ... Sem isso, não se pode fazer nada ... As coisas vão continuando a acontecer, como vão acontecendo aos poucos. Portanto, se estamos a falar de um hospital ... Um hospital abrange um raio, de área de influência, e ... o mesmo tem que acontecer ... tem Marracuene ... Se tem uma determinada população, se nós começamos a crescer com uma taxa de 2,6% ao ano, e sobretudo nas áreas urbanas, Marracuene daqui a uns anos vai ser muita gente ... É claro!... Então é preciso perceber que aqui também é preciso um hospital, perceber qual é o raio de acção dele, que tipo de hospital é que é, que tipo de serviço é que é necessário, que é para que as pessoas não tenham de percorrer quase 30Km para ir ao hospital. Portanto estas coisas têm de ser pensadas e têm de planificada de maneira a que ... Isto transcende, isto já transcende o município de Maputo, já transcende o município da Matola, transcende o Não sei se é autarquia, não sei se há ou não, mas a administração do distrito de Marracuene, transcende também Boane ...

Isto tem de ser feito por uma gestão a nível mais superior, tem de ser o ministério da administração estatal, olhar, pensar e perceber como é que isto vai funcionar. Isto é um problema de planeamento territorial, a uma escala, que ... tem de ser considerada, tem de saber onde é que ele está, dentro da lei do ordenamento, é uma zona especial, é uma coisa qualquer, que há um plano para zonas especiais, poderá ser a partir desse plano uma zona especial, que se cria então um plano de uma zona metropolitana, e aí sim pode-se definir todas essas questões.

P: Quanto à operacionalização do território, eu tenho algumas dificuldades em perceber como é que funciona ...

R: Eu também tenho [risos] ... Eu também tenho! Operacionalidade de quê dos planos? A nível de planos ... Os planos muitas vezes são aprovados mas não são implementados, o problema é que os planos não são apenas documentação e regulamentação e cartas que definem o uso do solo. Os planos, sobretudo, devem ser acordos com entidades e com a sociedade civil e outros intervenientes do plano, que se põe em prática ... Uma coisa é planificar, outra coisa é fazer o plano, é cumprir o que está no plano, e para isso é preciso que hajam vontades não é? ... Que não só as vontades de administração que se juntem ali às vontades dos agentes intervenientes ... Ou seja, os parceiros, quer sejam parceiros públicos, quer sejam parceiros privados, portanto ... Não basta ter o plano, plano só se concretiza quando estas vontades todas depois destas parcerias todas se realizam, e haja também fundos, e haja dinheiro e haja verbas e haja contrapartes para isto... Muitas vezes nem é o problema do dinheiro, muitas vezes pode ser o problema de estabelecer o tipo de parcerias, que depois cria os fundos, que cria os mecanismos, que cria as condições e as infraestruturas necessárias para a aplicação daquilo que está programado ou planeado ... E o que eu vejo aqui não é nada disso ... É desenhar planos e ... e pronto, desenhar ... desenhar é muito bonito ... pronto ... Fazem-se regulamentos, fazem-se essas coisas todas ... Desenham-se as vocações todas do território, faz-se montes de desenhos e de mapas, e aqui passa isto, e aqui vai acontecer assim, e depois não acontece nada ... Na realidade o que está a acontecer na cidade, é que os planos estão a surgir, sobretudo nas zonas periféricas, para resolver aqueles problemas que são de reajuste, actuais, de momento, que a gente como não percebe muito bem, ou há uma intervenção, uma parceria ou qualquer coisa ali, a terra não está cadastrada, as coisas não estão resolvidas, os DUATS não estão atribuídos, então a gente rapidamente, sobre aquilo que já existe a gente elabora um plano, reajusta, faz uma série de ... Aquilo é um bocado de remendo, é remendar um bocado aqui, põe-se a estrada um bocadinho para ali, vai se fazendo estas coisas, para se reajustar, para ajustar os mecanismos supostamente legais para que as operações futuras possam acontecer. Então, está um bocado retalhada, O caso de Maputo está um bocado retalhado. Tem zonas que têm planos, umas mais que outras, e depois os planos são todos diferentes, têm uma linguagem diferenciada, não têm todos o mesmo nível de desenvolvimento, porque são feitos por entidades diferenciadas, por pessoas, por contratos, por ... Eu nem sei muito bem responder a isso, o que eu sei até, é que em determinadas zonas da cidade, é a própria população que para fugir

ao problema, que como não sabe que futuramente vai ter problemas se aquilo não estiver urbanizado, se não estiver alinhado, se a estrada não está, se não há quarteirões, se não há parcelas, contratam até serviços de arquitectos e topógrafos para antecipadamente fazer o plano da zona onde vão ocupar, que vão ocupar, de forma ilegal ainda, porque não têm DUATS, não têm nada, e depois já têm um plano para ir apresentar ao município, dizer “Pronto nós já estamos bem”, quer dizer, não estão nada bem, está tudo mal, mas o município também não tem capacidade para receber a isto.

[...]

Quando a população se antecipa à capacidade que o distrito tem de planear é maravilhoso, pelo menos salvaguarda já, antecipadamente, salvaguarda que quando no futuro, a estrada está direitinha, o quarteirão está, está tudo nos modelos ... É claro que vão buscar profissionais que estão na área, topógrafos, arquitectos, que fazem esse desenho, que estão dispostos, a terra ainda não está urbanizada ali, portanto agrupa-se ali gente que está interessada na criação dos lotes ...

P: Mas e como é que se implementam políticas de ocupação do solo transversais às diferentes classes sociais, porque se calhar não estamos a falar de ...

R: As classes sociais vão-se instalando, é assim ... é claro que quanto maior é o poder económico, maiores são os recursos, é natural que quando se tem ... Determinado tipo de classes sociais tem recursos, vai procurar zonas e ocupar zonas de maior renda de posição. As pessoas agregam-se, primeiro inicialmente, podem-se agregar por essa capacidade, na formação ... Há bairros que estão formados aqui na cidade, à volta e na periferia da cidade ... Se fores para Boane vais ver que há bairros assim ... São ocupados por pessoas da classe ... Chamemos-lhe média-alta, não sei, vão-se instalar ali naquelas zonas, com casas grandes ...

[...]

Então, esses bairros ... Que também surgiram aqui, a Sommerchild II, mas depois o quê que vai acontecer ... Eu não estou muito preocupado com isso, porque depois o quê que vai acontecer com isso ... A cidade vai diluir isso de alguma maneira ... Nesses casos em que eles nascem assim

P: A questão é ... Não é uma amostra real da população e como é que estes parcelamentos e a atribuição dos DUATs, como é que se foge um bocado a esta questão do poder económico e dos interesses por trás para fugir à tipologia da vivenda com piscina da classe média-alta da cidade de Maputo?

R: Eu estou convencido que se fores aí à periferia da cidade, onde supostamente está a classe mais baixa, com rendimento mais baixo, vais encontrar no meio disso, gente com muito dinheiro ... Quer dizer, que estão no meio!... Casas com piscina, casas com ... E já vais encontrar

muita coisa dessa, e há residências aí no meio que de certeza que têm um status completamente diferente do que está em volta ... Portanto ... Podemos dizer que a segregação como segregação, em termos de ocupação territorial ... Bem, eu não vejo isso bem assim ... Vejo na criação desses grandes bairros, porque aí sim, percebe-se claramente que são novos atalhoamentos, são condições mais ou menos infraestruturadas, com vias e não vias, um bocadinho, com energia e água, e distribuição de grandes lotes para gente com interesses económicos com força ... Mas isso também vai-se diluir, seguramente ... Acho que não é aí que está o problema. Agora, a força do dinheiro vai alterar muito o tecido da cidade. Toda a zona periférica da cidade que faz fronteira com a cidade está sujeita a uma grande pressão económica. Portanto, quem vive ali, é natural que se esta cidade ... Chamemos-lhe ordenada, não sei se está ordenada, esta parte central da cidade que é de cimento ... Mas também a outra que já é toda de cimento, mas chamemos-lhe esta cidade de cidade de cimento, na periferia dela, ela tende a expandir-se, sobretudo o seu tecido, com edifício em altura, com novas ... novos investimentos, serviços, porque é o que está mais perto do núcleo central ... Quanto mais perto, e há uma renda de posição aqui que é muito claramente definida ...

[indicando as áreas correspondentes no mapa da cidade]

Isto que está aqui tem uma renda de posição, tudo o que está aqui na periferia tem outra renda, e o que está ali tem outra renda!... Portanto, este, o que determina o grande interesse, é isto, toda a gente quer ficar aqui, por isso é que ninguém está a investir ... Apesar de termos feito o plano de estrutura com novas centralidades, um universo com novas centralidades, por exemplo o caso do Zimpeto já é uma centralidade que está a ser contruída, porque houve para lá um estádio, e mais não sei o quê ... Há qualquer coisa a acontecer ali, há uma instituição de ensino superior, há muita coisa a acontecer ali ... Mas não era a única centralidade, havia outras ... Mas no entanto, os ministérios, tudo o que é novo, vai acontecendo aqui dentro, não sai daqui, não vai para as centralidades previstas, então isto vai fazer com que as rendas de posição aqui sejam mais fortes, e isso vai fazer pressão sobre essa zona de fronteira. Daqueles terrenos, qualquer dia, valem muito mais ... Hoje já valem muito mais, e aí sim, a força do dinheiro vai tirá-los fora dali, e vai estender a cidade ao longo dessa fronteira. Não sei se me fiz entender ...

P: E agora só voltando um bocadinho a Boane, esta relação de Boane com a Cidade, qual o papel actual e as funções e usos de Boane?

Eu acho que essa leitura ... É uma leitura que deverá ser feita ... Nós estamos a fazer um projecto com a Cooperação Italiana que é uma coisa ... É um projeto muito interessante, que é uma leitura entre Namaacha ... É o corredor de Maputo ... Namaacha, Moamba e Boane ...

E isso é uma proposta que está a ser feita no âmbito de se desenhar um plano que seja um plano integrado ...

[...]

O programa é chamado Programa de Investigação Multi-Sectorial Integrado ... E é assim, esse programa pretende ... O programa de estudo PIM pretende ... É a região Boane, Moamba e Namaacha, é um projecto de elaboração de um plano territorial ... É claro que eu não posso chegar a Boane sem depois falar com a Matola, assim como não posso deixar falar da Matola sem falar com Maputo, mas o que se está a desenhar primeiro são estes três distritos que fazem parte do corredor. A ideia é olhar e ver, portanto fazer um diagnóstico das práticas de planeamento, e também dos recursos que existem ... A vários níveis ... Económicos ... Vários níveis ... Humanos, Infraestruturais ... Ao longo deste corredor, para perceber que práticas é que existem no planeamento, e o quê que está a ser feito em cada um dos territórios e que ligações é que existem entre eles para depois poder desenhar qualquer coisa que seja mais comum ... Por exemplo, poder dizer que isto não pode acontecer porque aquela estrada passa aí, estas relações são territoriais, que são ao nível daquilo que eu falava, da possibilidade de um plano especial, um plano especial é uma área territorial, não é propriamente administrativa, mas pode ser uma área de interesse económico ... Que está prevista na lei, no ordenamento do território, os planos especiais têm características ... Têm uma definição clara sobre aquilo que eles são, onde é que eles estão, e onde te disse há bocado, onde pode estar incluído o plano metropolitano, provavelmente um plano metropolitano seja um plano especial, de uma determinada área ... O que se pretende neste estudo é perceber estas relações todas. Porque o território é contínuo, nós é que o dividimos. Os animais estão de um lado e do outro, a fauna a flora as pessoas andam de um lado para o outro ... Nós é que o estamos a dividir administrativamente como concelhos. Portanto isto é um projecto muito interessante porque vai ligar ... Como é uma investigação multidisciplinar vai ligar várias faculdade ao mesmo tempo no desenvolvimento deste conceito, da integração das regiões, integração, das suas relações, e como possam falar uns com os outros ... Por exemplo no distrito, há um plano do distrito ... no distrito ainda há tem município, depois ainda há o plano municipal, e às vezes o plano municipal nem fala com o plano do distrito. Então, estas coisas, é avaliar isto tudo, ver como é que está a funcionar, e fazer uma proposta de boas práticas, no planeamento integrado.

P: Ainda nesta lógica, como é que os usos e funções do solo de Boane, podem contribuir, no futuro, para o equilíbrio económico e ecológico de Maputo?

R: Quando acabar o plano, eu vou-te responder a isso tudo, porque é lógico que há montes de actores, há muita gente a intervir ao longo deste corredor. Só por ser um corredor ele já tem por si só uma importância, e há montes de investimentos a serem feitos nestas zonas ... Investimentos agrícolas, agro-pecuários, sei lá ... Industriais, fundiários ... Há muita coisa a ser investida aqui ... O que é preciso é que estes actores todos falem uns com os outros ... Por exemplo, a terra, o uso ... Eu não sei qual é ... Tem de se fazer primeiro o diagnóstico todo ... Portanto há zonas em todo o território ao longo do corredor que seguramente tem zonas mais apropriadas para a agricultura

e para determinadas funções e determinados produtos agrícolas. O que é preciso perceber, o que é que cada uma destas coisas contribuiu para o todo, a parcela de contribuição, o que é que cada um dá. Porque pode ser que um pedaço de terra de um determinado distrito não sirva para a agricultura, mas que tenha outras funções e outras utilidades que resolvam os problemas de outro distrito. Então isto é uma balança ... Aliás o que se pretende é isso, é que se desenhe um plano integrado, e para se desenhar um plano integrado é necessário correlacionar estas forças todas, forças, capacidade, dinâmicas que existem nos vários territórios. Primeiro é fazer o diagnóstico, avaliar o que temos em cada território, e depois quais são as contribuições de cada um no processo de desenvolvimento integrado, porque um não pode viver ser o outro.

[...]

P: A nível dos transportes, para além da rede BRT proposta, há alguma rede que esteja a ser proposta ou um plano?

R: Não, não ... Acho que houve dois projectos ... Um italiano e um japonês. O italiano ficou ultrapassado e o que está na manga é o japonês. O resto ... tens de perceber um bocado todo este envolvimento com a circular, Maputo Sul ... esta coisa do Maputo Sul, o quê que acontece ... a ponte da Catembe também tem ligações com Boane ... Há coisas aqui que é preciso olhar de um modo mais ... Se calhar no futuro para ir a Boane não é preciso ir à Matola ... Atravesso aqui a Catembe, e chego mais rapidamente do que se for pela Matola.

[...]

P: E agora para acabar, como é que seria para si uma expansão sustentável e equilibrada ...

R: Com um presidente fantástico. [risos]

P: Mas qual é que seria a utopia para este planeamento?

R: Eu acho que a utopia seria uma coisa destas ... Primeiro é perceber que é necessário fazer um plano metropolitano, e provavelmente perceber que este plano metropolitano tem de compreender este corredor ... Este eixo ... Este-Oeste ou como quiserem chamar ... Vai ser um grande ponto, ou seja, um grande centro de crescimento urbano ... De gente ... No futuro daqui a 40 anos 50 ... Este eixo vai estar cheio de gente, mas cheio de gente ... Não se há-de perceber até o que é que é campo e o que não é ... Portanto é preciso ter-se atenção ... E para se ter atenção a isso é preciso começar desde já a pensar que é preciso ter um plano, mesmo que seja só inicial ... O ideal seria que se prever para daqui a 50 anos, e depois ir-se reajustando em função daquilo que são os grandes objectivos para os próximos 50 anos. Mas dar atenção desde já para aquilo que ... Para mim, para já, a grande atenção deveria ser pensar já num plano especial, onde acontece o metropolitano, ou do corredor ... Tudo junto ou os dois separados ... Que depois se ligam ... Mas isto era o futuro, para mim ...

Para isso é preciso ... Volto a dizer ... Vontades ... Desvontades ... É preciso criar condições técnicas para pensar, discutir muito ... Não só discutir ... Ver todos os intervenientes ... Pensar no futuro ... Fazer um grande diagnóstico sério sobre o assunto ... Perceber quais são os parceiros todos que a gente tem no meio disto ... Isto tem de ser ligado também à África do Sul ... Há coisas que a gente parece que não mas tem de ser ... A barragem dos pequenos Libombos, a água vem de lá ... Portanto se eles fecharem a torneira ... Portanto ... Há aqui coisas a acordar, mas no fundo é isto. Mas para isto é preciso vontades e fazer gestão! Estou a ser político, não estou a ser técnico, mas é assim mesmo ...

ANEXO 4

Domingos Macucule | *Arquitecto e Professor*

P: Primeiro, começava pela questão da Área Metropolitana, não existindo uma delimitação formal do Grande Maputo, primeiro se fará sentido existir, e se sim, como é que se vai condicionar a expansão urbana e a ocupação formal e informal do território?

R: A AM não está formalmente demarcada, mas já está reconhecida em algumas questões. Foi formalmente reconhecida no PEAMM (1999), mas que depois não avançou, em que reconhecia a zona de Maputo, Matola, parte de Marracuene e parte de Boane como a AMM. Os estudos que se seguiram, e planos e pensamentos de referência têm-se apoiado nestes limites do território.

Não existe formalmente, nem é percebida informalmente, no entanto já existem acções de concertação, não tanto pelo desenvolvimento integrado dos planos, mas para se resolverem os problemas que se tem vindo a sentir nestes quatro territórios, e que a concepção de uma área metropolitana poderia resolver.

Relativamente a equipamentos à escala metropolitana, a discussão sobre estas questões metropolitana são feitas basicamente entre Maputo e Matola, uma vez que já têm a sua própria autonomia, ao passo que Boane e Marracuene são geridas pelo governo central, que acaba simplesmente por ditar os critérios e ordens a seguir.

As grandes superfícies comerciais e industriais começam a sair do centro para este território da AMM. Mas o que equilibra este sistema são as instâncias informais, que permitem equilibrar a estrutura de uso do solo existe, uma vez que cada vez mais vão-se fixando na periferia. Infelizmente a estrutura do uso do solo encontra-se caótica a nível da área metropolitana, uma vez que não é não é gerida a essa escala.

Marracuene faz as suas negociações com o governo central, limitando-se somente a seguir. A emancipação de Boane e não de Marracuene, pensa justificar-se pelo facto de possivelmente haver um reajuste do limite de Maputo, em que Marracuene poderia ser “absorvido”, uma vez que já é compreendido como um único território.

Boane por sua vez tem muita terra, embora cada vez mais tenham vindo a surgir urbanizações de elites, mantém-se um território predominantemente rural.

A emancipação da Vila de Boane, não abrange o território do posto administrativo da Matola-Rio, curiosamente é onde se localiza grande parte da actividade presente no distrito, no entanto, também pela sua dimensão, poderá num futuro a dar origem a um novo município.

Estes núcleos vêm surgir como alternativas à habitação principalmente, uma vez que Maputo já não tem espaço. No entanto Macucule crê que estas áreas deveriam ser pensada como centralidades que pudessem equilibrar o território metropolitano.

Boane tem uma relação muito grande de dependência com Maputo, quase gravitacional. Curiosamente onde se verifica maior parte da ocupação habitacional, não corresponde à zona emancipada a município. Começam a aparecer já zonas densamente ocupadas, onde crê-se que a densidade de ocupação do solo seja já semelhante a áreas da periferia da Cidade de Maputo.

Os centros de actividade económica no entanto não têm grande autonomia, uma vez que mesmo os centros em Boane são abastecidos em Maputo. A diferença de preços em relação a Maputo ainda é grande, e pela distância, as pessoas muitas vezes acabam por se deslocar a Maputo para comprarem alguns bens básicos, que ainda que encontrem em Boane, o seu preço é muito mais elevado.

O papel de Boane é um centro alternativo para Habitação, o dormitório, e alimenta esses fluxos.

Naturalmente grande parte dos solos agrícolas têm vindo a ser abandonados e urbanizados, dando lugar a novas urbanizações de elites. Não há uma estratégia de uso de solo à escala metropolitana que pense em Boane como um território de reserva agrícola. Agora com a emancipação do município, também se tem vindo a apostar na urbanização progressiva.

Boane é uma área essencialmente agrícola, pela riqueza dos seus solos, pela presença da água. O belo horizonte era uma das zonas com as terras mais férteis do distrito.

Não existe uma classificação do uso do solo. O plano de estrutura metropolitano deveria ser responsável por reservar zonas para ocupar com urbanização, zona de reserva para actividade agrícola e zona de interesse ambiental e definir a estrutura da mobilidade no território.

Os usos seriam então abordados por uma plano de urbanização, já à escala do município.

As zonas com aptidão agrícola na AM estão a desaparecer. Em Marracuene já não existem e estão a nível de desaparecer em Boane, ao nível do distrito, não só a nível municipal, porque a procura é generalizada. Não se está a equacionar estes problemas. Grande parte das pessoas que vivem nestas áreas, ainda vivem da agricultura. Há também muita gente a viver na periferia de Maputo que se desloca para Boane para trabalhar na actividade agrícola.

Uma expansão sustentável passa primeiro por conter esta expansão, o Estado não tem capacidade para dar resposta à infraestruturação do território, penalizando cada vez mais quem vive afastado. Não falo de

uma densificação em altura. Mas sim de uma densificação horizontal. Um redimensionamento dos lotes, a sua infraestruturação.

O crescimento sustentável tem de apostar na requalificação dos assentamentos informais já existentes. Não propriamente uma requalificação, mas uma densificação horizontal. A requalificação na periferia é no sentido de ir enchendo de forma sustentável os assentamentos existentes. Na prática eles estão a ser enchidos pela população, mas o processo de subdivisão dos lotes não é coerente.

Deveria ser levada a cabo uma política pública capaz de trabalhar sobre os assentamentos dispersos e não numa lógica de abrir novos loteamentos e novas urbanizações. Permitir trazer mais gente para aquela área. Permitindo não só habitações para quem não tem, mas também dando condições e infraestruturas requalificando os assentamentos.

Isto seria uma expansão coerente, e não numa lógica de expansionismo, onde se destroem cada vez mais solos de aptidão agrícola e ambiental, que acabam por promover só insustentabilidade, também a nível das deslocações.

Deveria se centrar sobre estes problemas nestas áreas de forma preventiva.

O que acontece é que o documento da Política da Habitação não funciona. A habitação é o grande problema. O factor de desqualificação dos tecidos urbanos, é a habitação. Os moldes de acesso à habitação são precários. Mesmo quem tem dinheiro, tu acedes à habitação acedendo a um terreno, e ao projecto, e a uma auto-construção, ou seja, aborda-se a questão sempre de forma individual. Em centros urbanos, se se resolve o problema da habitação de forma individual, vai se promover uma insustentabilidade, uma diferenciação e agonizar ainda mais as diferenças entre classes sociais. Acaba por resultar na proliferação dos assentamentos informais. “Os pobrezinhos” acabam por ser progressivamente afastadas dos centros. Já na Matola-Rio, Boane, estão a ser retiradas pessoas de baixa renda.

Isto para-se resolvendo o problema da habitação como um problema colectivo, criando uma política de habitação. Pela forma como é feita a urbanização, o tipo de loteamento, a dimensão, a contiguidade desses lotes, a infraestruturação. Sem proibir quem tem a possibilidade de construir as grandes casas, que são insustentáveis, mas que devessem estar de acordo com uma planificação, e não admitir que seja feita livremente. Procurar a justiça social.

No território de Maputo podem-se identificar três grandes eixos metropolitanos: o que se apoia no sentido para Marracuene, o corredor ao longo da N4, e um ao longo da N1.

São eixos importantes e de grandes densidades populacionais.

Estes planos devem contemplar um transporte de massas. Um plano de transportes deve passar por estes eixos. Mas isto baseia-se numa lógica

gravitacional, mas uma rede de transportes sustentável, baseia-se também em ligações transversais.

No entanto o espaço compreendido entre estes eixos dão origem a grandes fossos, que deveriam então ser cobertos então pelo transporte semi-colectivo informal. O BRT não conseguirá responder à demanda, e portanto esta articulação tem de ser muito bem trabalhada, porque se não, facilmente o BRT seria superado pelos chapas, pela rapidez, tarifas...

Uma expansão sustentável passa por conter a expansão urbana, apostar no ponto de vista das deslocações, na eficiência das deslocações.

A expansão urbana em Maputo não é muito dispersa, e estende-se em padrões não muito dispersos, mas sim progressivos. Perante essa dispersão estabelecem-se medidas de contenção: destacando áreas com aptidão agrícola, onde a edificação é feita para dentro, reaproveitando espaços vazios que ficam nesta mancha, que não sendo contínua.

Melhorar o sistema de transportes como ponto de partida, caminhando para uma racionalização do uso do solo. Deve-se actuar sobre os transportes, mas também pelo uso do solo. Redireccionar os fluxos, equilibrar os movimentos e tirar a pressão de eixos que levam para o centro. Apostar numa compactação progressiva do território.

Contenção urbana

Melhoria da eficiência do sistema de transportes

Garantir uma cidade mais densa

Tudo isto exige actitudes deliberadas do gestor público, de forma forte e convicta. Há uma fraca convicção sobre o caminho, o objectivo, o alcance da nossa realidade urbana. Não há uma clareza sobre onde queremos levar nossa realidade urbana.

ANEXO 5

José Forjaz | *Arquitecto, Professor, antigo Secretário de Estado para a Habitação, antigo Presidente da FAPF*

Há duas vertentes do problema da Área Metropolitana.

Uma que tem a ver meramente com problemas administrativos. A tributação, a fiscalidade pode ser mais ou menos favorável à gestão do aglomerado, se ela for distribuída por vários administradores, portanto concelhos Municipais ou se for administrada só por uma pessoa. Isso levanta o problema do mau sentir de uma pessoa a que seja presidente de um Concelho municipal que veja a sua presença diminuída. Estas são para mim questões fundamentais a ter em conta, principalmente em África em que a importância pessoal das pessoas e o seu posto é muito importante. Nesta fase de desenvolvimento, da urbanização, as pessoas estão muito ligadas a esta forma de se projectarem e se quisermos ser um bocadinho mais cínicos de se enriquecerem.

A outra tem a ver com a tecnologia dos recursos e das respostas às necessidades dos cidadãos.

Não tenho nem sei ter uma ideia muito clara sobre isso, penso que tudo se resolveria se houvesse uma coordenação inter-municipalidades, que visse o seu território não como limitado por uma linha arbitrária, necessariamente arbitrária, mas sim integrada num eco-sistema comum e num sistema de desenvolvimento económico e infraestrutural comum, que só tem vantagens em ser comum para todos.

Agora, nós estamos na infância da arte do municipalismo. Vai levar muito tempo que as pessoas se habituem à ideia de que integrem esforços numa região é favorável a todos. É um pouco que se fica por aí. Como o distrito urbano, que fica por aí. Mas com uma diferença, o Distrito Urbano corresponde a uma hierarquia em que tem em cima alguém eleito pelo povo, ao passo que no território metropolitano, a autoridade que lhe vem a cima, vem de um processo democrático. Falo de tudo teoricamente. Portanto, são investidas como autoridade que não têm um director distrital no distrito urbano.

Eu penso que estas coisas infelizmente são mais importantes do que as verdadeiras coisas importantes de uma realidade metropolitana. Maputo, Matola, Boane, Marracuene, são hoje para mim já parte de um sistema integrante, sobretudo de onde é que as pessoas ganham a vida. 99% dos empregados informais de Marracuene provavelmente trabalham na Cidade de Maputo. Já há muita gente na Manhica, a 90km, trabalham na Cidade de Maputo.

Eu não sei responder melhor que isto, não posso ser advogado para uma solução para a qual eu não tenho capacidade de resposta, nem teórica.

Penso que cada centro tem o seu papel e é diverso. Creio que Boane é no fundo uma criação centrípeta, portanto as pessoas vão para Boane porque é mais barata a habitação, porque se pudessem estavam aqui. Isto acontece por toda a periferia. Que empregos formais é que Marracuene oferece? Se calhar a 1% da população.

Boane talvez tenha mais potencial, porque é mais produtivo. Marracuene é uma terrinha mais improdutivo. Talvez turística. Está no arredor da cidade, e é quase puramente uma cidade dormitório. Boane não é tanto assim, mas também o é. Tem um papel muito secundário de produção industrial, agrícola, terciária. São mesmo marginais.

3. Não tenho a certeza, Boane tem um potencial agrícola e de gado. É capaz de ser, apesar de tudo, ser a terra que está mais próxima de algum centro importante. Tem ali a barragem, a terra é mais produtiva do que no sul do país. Boane poderia ser alguma coisa. Para além de ter uma estrada, razoável, tem alguma possibilidade de transformação do produto agrícola. Penso que não é muito mal servida de electricidade.

Portanto, seria interessante começar a desenvolvê-la para absorver a sua própria população. Mas isto são fenómenos muito complicados, muito complexos, muito aleatórios, a população está lá, estão empregues, têm aqui os seus empregos, provavelmente os empregos são terciários ou industriais, mas não é por as pessoas quererem mudar que isto muda. É preciso inquirir-se alguma coisa. Uma organização de ensino superior, uma igreja,

A igreja é um grande sucesso do ponto de vista da agregação social, e também cria algum emprego.

Acho que não tem hipótese nenhuma da forma como a sociedade está estruturada. Não vejo forma de se agregarem classes sociais diferentes. Não há nada neste país que indique que neste momento se queiram misturar classes sociais. Já houve políticas de favorecimento dos mais carenciados, mas mesmo pela política nunca foi mui

Em moçambique, 99% da população é muito pobre, que não têm direito à cidade. Ou têm mas não têm como reclamá-la. A cidade é para ricos, é para quem pode pagar o papel higiénico, transportes...

A nossa população deve ser das populações do mundo com o mais baixo per capita administrativo municipal. Comparando Maputo com Lisboa. Lisboa deve andar nos 1000 e tal dólares por ano, Maputo não chega a 5.

Nestas condições, cidades com escolas, hospitais não podem funcionar.

Não há um teatro, uma sala musical, um anfiteatro nesta cidade.

Não vejo que se possa estar melhor do que ao que está, porque nós não estamos tão mal. A preocupação é se isto piora. Melhor, não vai ficar.

Para mim os pés de barro deste país é a degradação do ensino a todos os níveis neste país.

As pessoas não fazem a mais pequena ideia de como gerir um aparelho com 23 milhões de habitantes.

O povo não sabe ver nem está para aí virado, porque o que acontece, acontece na cidade dos brancos e dos ricos, e a realidade deles está estável, e não se altera muito.

O problema é multifacetado, e a ilusão de que com planos de ordenamento físico se chega a algum lado é perfeitamente infantil com esta gente a dirigir este país. Porque fazem aquilo que lhes apetece. Provavelmente contra a opinião dos seus operadores técnicos.

Situações onde a autoridade pública é soberana, mais que monárquica é muito difícil sugerirmos que é melhor fazer isto ou aquilo. Isto está nas mãos de um liberalismo económico imbatível, associado a uma corrupção generalizada a todos os níveis. O equilíbrio disto é tão desequilibrado que as pessoas acabam por se cansar elas próprias desta paralisia de tudo isto. Este sistema afunda qualquer sociedade.

A possibilidade de haver na administração pública de discernir o que é um plano bem feito de um plano mal feito. Confiam em técnicos de concursos públicos viciados.

Vai buscar os teóricos e há uma data de gajos que sabem tudo, normalmente não são políticos, e que raramente estão sentados numa cadeira de decisão e de risco, de opinião de risco, que é o que nós profissionais estamos todos os dias.

O problema é um problema de definição da decisão. Tomo um outro problema genérico, o problema da habitação. Como é que se resolve. É simples, dar mais dinheiro às pessoas, dar emprego, produzir. Isto não resolvia mas melhoraria muito.

O que é metropolizar uma região? Não sei. Porque é muito longe da esfera desta gente.

Eu acredito que o que salva este país é a informalidade instalada.

No fim de contas, aquilo que se pode dizer, é que a mancha de óleo daquilo que Maputo representa, é inevitável como implanificável. Absolutamente implanificável.

Isto é mais duro dizer do que sentir, porque durante 10 anos isto não foi assim. Durante 10 anos nós tínhamos a esperança de que era possível e viável fazer um país pobre mas limpinho ... Mas depois foi se embora tudo.

O espaço é uma categoria política. É o espaço que provoca guerras, compra boas vontades, e o espaço nesta sociedade é ainda muito próximo daquilo que as pessoas querem, que é ter Terra, as pessoas julgam que ter terra é que dá poder.

Quanto a mim o importante a considerar na forma da cidade é o elemento natural, que tem sido espezinhado, desprezado, violado, das maneiras mais inconscientes e brutais que se podem fazer. E depois ninguém culpa ninguém. Não há ninguém que pense que ao concelho municipal deveria ser atribuído estes casos.

Fazer com que a ocupação humana do território seja pelo menos respeitadora dos vectores naturais, isso poderia ao menos ser aceite ou seguido.

Há duas vertentes do problema da Área Metropolitana. Uma que tem a ver meramente com problemas administrativos. A tributação, a fiscalidade pode ser mais ou menos favorável à gestão do aglomerado, se ela for distribuída por vários administradores, portanto concelhos Municipais ou se for administrada só por uma pessoa. Isso levanta o problema do mau sentir de uma pessoa a que seja presidente de um Concelho municipal que veja a sua presença diminuída. Estas são para mim questões fundamentais a ter em conta, principalmente em África em que a importância pessoal das pessoas e o seu posto é muito importante. Nesta fase de desenvolvimento, da urbanização, as pessoas estão muito ligadas a esta forma de se projectarem e se quisermos ser um bocadinho mais cínicos de se enriquecerem. A outra tem a ver com a tecnologia dos recursos e das respostas às necessidades dos cidadãos.

Não tenho nem sei ter uma ideia muito clara sobre isso, penso que tudo se resolveria se houvesse uma coordenação inter-municipalidades, que visse o seu território não como limitado por uma linha arbitrária, necessariamente arbitrária, mas sim integrada num eco-sistema comum e num sistema de desenvolvimento económico e infraestrutural comum, que só tem vantagens em ser comum para todos.

Agora, nós estamos na infância da arte do municipalismo. Vai levar muito tempo que as pessoas se habituem à ideia de que integrarem esforços numa região é favorável a todos. É um pouco que se fica por aí. Como o distrito urbano, que fica por aí. Mas com uma diferença, o Distrito Urbano corresponde a uma hierarquia em que tem em cima alguém eleito pelo povo, ao passo que no território metropolitano, a autoridade que lhe vem a cima, vem de um processo democrático. Falo de tudo teoricamente. Portanto, são investidas como autoridade que não têm um director distrital no distrito urbano.

Eu penso que estas coisas infelizmente são mais importantes do que as verdadeiras coisas importantes de uma realidade metropolitana. Maputo, Matola, Boane, Marracuene, são hoje para mim já parte de um sistema integrante, sobretudo de onde é que as pessoas ganham a vida. 99% dos empregados informais de Marracuene provavelmente trabalham na Cidade de Maputo. Já há muita gente na Manhica, a 90km, trabalham na Cidade

de Maputo.

Eu não sei responder melhor que isto, não posso ser advogado para uma solução para a qual eu não tenho capacidade de resposta, nem teórica.

Penso que cada centro tem o seu papel e é diverso. Creio que Boane é no fundo uma criação centrípeta, portanto as pessoas vão para Boane porque é mais barata a habitação, porque se pudessem estavam aqui. Isto acontece por toda a periferia. Que empregos formais é que Marracuene oferece? Se calhar a 1% da população.

Boane talvez tenha mais potencial, porque é mais produtivo. Marracuene é uma terrinha mais improdutivo. Talvez turística. Está no arredor da cidade, e é quase puramente uma cidade dormitório. Boane não é tanto assim, mas também o é. Tem um papel muito secundário de produção industrial, agrária, terciária. São mesmo marginais.

3. Não tenho a certeza, Boane tem um potencial agrícola e de gado. É capaz de ser, apesar de tudo, ser a terra que está mais próxima de algum centro importante. Tem ali a barragem, a terra é mais produtiva do que no sul do país. Boane poderia ser alguma coisa. Para além de ter uma estrada, razoável, tem alguma possibilidade de transformação do produto agrícola. Penso que não é muito mal servida de electricidade.

Portanto, seria interessante começar a desenvolvê-la para absorver a sua própria população. Mas isto são fenómenos muito complicados, muito complexos, muito aleatórios, a população está lá, estão empregues, têm aqui os seus empregos, provavelmente os empregos são terciários ou industriais, mas não é por as pessoas quererem mudar que isto muda. É preciso inquirir-se alguma coisa. Uma organização de ensino superior, uma igreja,

A igreja é um grande sucesso do ponto de vista da agregação social, e também cria algum emprego.

Acho que não tem hipótese nenhuma da forma como a sociedade está estruturada. Não vejo forma de se agregarem classes sociais diferentes. Não há nada neste país que indique que neste momento se queiram misturar classes sociais. Já houve políticas de favorecimento dos mais carenciados, mas mesmo pela política nunca foi muito... Em moçambique, 99% da população é muito pobre, que não têm direito à cidade. Ou têm mas não têm como reclamá-la. A cidade é para ricos, é para quem pode pagar o papel higiénico, transportes...

A nossa população deve ser das populações do mundo com o mais baixo per capita administrativo municipal. Comparando Maputo com Lisboa. Lisboa deve andar nos 1000 e tal dólares por ano, Maputo não chega a 5.

Nestas condições, cidades com escolas, hospitais não podem funcionar.

Não há um teatro, uma sala musical, um anfiteatro nesta cidade.

Não vejo que se possa estar melhor do que ao que está, porque nós não estamos tão mal. A preocupação é se isto piora. Melhor, não vai ficar.

Para mim os pés de barro deste país é a degradação do ensino a todos os níveis neste país.

As pessoas não fazem a mais pequena ideia de como gerir um aparelho com 23 milhões de habitantes.

O povo não sabe ver nem está para aí virado, porque o que acontece, acontece na cidade dos brancos e dos ricos, e a realidade deles está estável, e não se altera muito.

O problema é multifacetado, e a ilusão de que com planos de ordenamento físico se chega a algum lado é perfeitamente infantil com esta gente a dirigir este país. Porque fazem aquilo que lhes apetece. Provavelmente contra a opinião dos seus operadores técnicos.

Situações onde a autoridade pública é soberana, mais que monárquica é muito difícil sugerirmos que é melhor fazer isto ou aquilo. Isto está nas mãos de um liberalismo económico imbatível, associado a uma corrupção generalizada a todos os níveis. O equilíbrio disto é tão desequilibrado que as pessoas acabam por se cansar elas próprias desta paralisia de tudo isto. Este sistema afunda qualquer sociedade.

A possibilidade de haver na administração pública de discernir o que é um plano bem feito de um plano mal feito. Confiam em técnicos de concursos públicos viciados.

Vai buscar os teóricos e há uma data de gajos que sabem tudo, normalmente não são políticos, e que raramente estão sentados numa cadeira de decisão e de risco, de opinião de risco, que é o que nós profissionais estamos todos os dias.

O problema é um problema de definição da decisão. Tomo um outro problema genérico, o problema da habitação. Como é que se resolve. É simples, dar mais dinheiro às pessoas, dar emprego, produzir. Isto não resolvia mas melhoraria muito.

O que é metropolizar uma região? Não sei. Porque é muito longe da esfera desta gente.

Eu acredito que o que salva este país é a informalidade instalada.

No fim de contas, aquilo que se pode dizer, é que a mancha de óleo daquilo que Maputo representa, é inevitável como implanficável. Absolutamente implanficável.

Isto é mais duro dizer do que sentir, porque durante 10 anos isto não foi assim. Durante 10 anos nós tínhamos a esperança de que era possível e viável fazer um país pobre mas limpinho ... Mas depois foi se embora tudo.

O espaço é uma categoria política. É o espaço que provoca guerras, compra boas vontades, e o espaço nesta sociedade é ainda muito próximo daquilo que as pessoas querem, que é ter Terra, as pessoas julgam que ter terra é que dá poder.

Quanto a mim o importante a considerar na forma da cidade é o elemento natural, que tem sido espezinhado, desprezado, violado, das maneiras mais inconscientes e brutais que se podem fazer. E depois ninguém culpa ninguém. Não há ninguém que pense que ao concelho municipal deveria ser atribuído estes casos.

Fazer com que a ocupação humana do território seja pelo menos respeitadora dos vectores naturais, isso poderia ao menos ser aceite ou seguido.

ANEXO 6

António Gomes | *Empresário Agrícola*

Em 1994, tudo o que estivesse para além de Maputo, estava fora de rota. Significa que as populações não estavam sedentarizadas, viviam ali ocasionalmente, podiam estar uma semana, e outra semana em Maputo. Quando tens os acordos de paz, tens uma situação completamente nova. Depois dos acordos de paz, foi o libertar completo dessas populações que viviam dentro e fora, para elas foi um libertar completo.

Maputo é efectivamente uma capital com 2 milhões de gente e nas periferias, ainda há mais pessoas nas periferias. Quando chegas a Boane, estás numa zona semi-urbana, onde estás entre o urbano e o agrícola.

Em 1999 eu fui para Boane, para desenvolver actividades. Numa aldeia, Umpala, a 30km de Maputo, onde as pessoas viviam abaixo do limiar da pobreza, onde pagar os 5 000 MT da antiga família, para a matrícula dos filhos na escola não era possível. Quando fomos, tivemos de contratar pessoas, e isso mudou completamente a vida daquelas pessoas. É uma aldeia com algumas famílias, empregamos 70-80 pessoas que começaram a ter um rendimento fixo. Isso mudou radicalmente a situação dessas famílias, que já podiam pagar a propina dos filhos.

Mais tarde a aventura foi maior, quando fomos para o Distrito da Namaacha, mas que tem a ver com Boane também. Era a mesma empresa, mas uma nova unidade de produção. Depois da guerra, as pessoas em Boane, já se começam a fixar ali, e a ter outros horizontes.

Foi necessário recrutar mão-de-obra. Na Namaacha não havia gente, por causa da guerra, ainda havia bases lá fixadas. Tivemos então de ir buscar mão-de-obra a Boane, e criar acampamentos na Namaacha, e as pessoas então passavam ali a semana, e ao fim-de-semana regressavam a Boane. Começamos assim a sedentarizar pessoas no meio rural, que vinham de zonas semi-urbanas. Esta empresa fixou cerca de 700 pessoas na Namaacha. Apareceram também outras empresas, com o mesmo problema, que também acabaram por recrutar pessoas em Boane. E assim se criou um “movimento migratório” para o interior.

Naquela zona, temos hoje mais 7 ou 8 empresas, que emprega também mais ou menos o mesmo número de pessoas. Ou seja, já chegamos aos milhares. Isto vai mudar completamente a distribuição da população residente ali. Começam a aparecer também iniciativas de carácter social. A empresa onde trabalho criou postos de saúde, porque não havia, e era melhor até para nós, do que os trabalhadores estarem a viajar 70km para a Namaacha ou 50km para Boane.

Esta distribuição demográfica e a ocupação territorial não tem de ser feita pelas empresas, mas sim pelo Estado. O Estado limita-se a ver o que a empresa está a fazer. O Estado anda atrás das empresas. O local onde estamos, continua igual ao que era quando começamos. O Estado anda a reboque.

Actualmente já não precisamos dos acampamentos, porque as pessoas acabaram por se fixar ali.

Os campos agrícolas têm vindo a aumentar e a exploração agrícola. Agora existem 7 a 8 empresas à volta, à volta da albufeira, electrificamos toda aquela área, para a actividade comercial também.

A exploração agrícola tem vindo a aumentar, tudo isto derivado do facto de existir paz em primeiro lugar, desenvolvimento de infra-estruturas, para as actividades económicas, precisas de estradas, em que não fomos nós que construímos mas contribuimos. O desvio Boane-Mafuiane, é a única estrada que permite, numa situação de cheias, chegar a Maputo. E aí, é uma estrada alternativa, são as empresas que mantêm, não é o Estado. Quando começas a fazer a implantação e a fixação de empresas, começam a aparecer outras actividades à volta. Há muito comércio.

A rede de bancos está por todo o país. Mas o primeiro indicador, é a Igreja Universal, que é implantada, e depois aparecem os bancos, numa questão de meses. A igreja está à procura do dízimo.

A actividade empresarial gera outra situação. Quando falamos de agricultura de subsistência e familiar, ela beneficia naturalmente da simples existência da actividade empresarial. A família que não tinha dinheiro para pagar a propina, não teria dinheiro, naturalmente para comprar a semente, ou a enxada. A partir do momento em que tens um rendimento fixo, já permite que exista uma disponibilidade financeira para a semente, o fertilizante, a enxada.

A família em Moçambique está estruturada de uma forma em que o homem vai para o emprego, a mulher também poderá ir para o emprego, mas fica um filho, ou um familiar, que trata da machamba, e garante algum produto. Faz uma diferença completa haver um rendimento.

A própria agricultura familiar tem muitas limitações porque não têm acesso a factores de produção. Eventualmente uma ou outra poderá ter acesso a alguma semente, ou o estado poderá fornecer alguma, mas maioria, não.

A diferença está em se ter algum poder de aquisição para aquilo que tu entendes, com o rendimento, as pessoas passam a ter algum poder de escolha, para poderem multiplicar a sua renda.

As empresas estão vocacionadas para produzir culturas que tenham mercado. É preciso perceber antes do negócio qual o mercado. Há uma oportunidade de vender a banana em Boane, aqui na zona, em Maputo, e até para exportar. O mercado de Maputo é muito pequeno.

Com 100 ha de Banana, dá seguramente para alimentar os 2 milhões de habitantes de Maputo. O primeiro bananal foi em 2003, e desde então, em nenhum dia houve falta de banana em Maputo. Isto faz parte da estrutura de negócio, em que se prepara a banana para se consumir,

Desde que as empresas surgiram, durante 13 anos, a banana nunca teve alteração de preço. Mesmo com as crises de 2008. A primeira alteração do preço surgiu justamente em Março de 2016. Isto é possível porque o mercado de Maputo é mínimo. As empresas colocam cerca de 10% da sua produção só no mercado local, logo o impacto é mínimo. O grande negócio está na exportação. É maioritariamente regional. Mas já chegou a ser exportada para o médio oriente. No entanto, nós não temos infraestruturas suficientes para exportar para o médio oriente. Não tens portos, estradas, navios a escalar o porto de Maputo.

A banana é vista como uma mercadoria que não tem peso. Existe um mercado ilimitado no médio oriente, com poder de compra, e necessidade. Se fosse estabelecido este negócio, seriam precisos 200 camiões para abastecer um navio de 5000 T. O porto de maputo terá de estar ainda muito melhor explorado, não tens terminais. As exportações para o médio oriente foram feitas pelo porto de Durban, porque estes navios só escalam o porto de Durban, e não de Maputo.

À volta de Maputo, produzem-se todas as outras culturas, no entanto, é mais fácil trazer produto da África do Sul do que de Maputo. Há muita gente que aposta em ir buscar o produto ao produtor, porque há muito menos risco. Na África do Sul, recebem-se várias ajudas, que em Moçambique não se recebem. A energia, a água, as estradas, em caso de pragas, não é possível estancar logo, porque o produto não está disponível, e é sempre necessário ir à África do Sul.

Aqui tens de investir à margem do próprio Estado, e o Estado não te recompensa por isso. O mercado em Maputo é muito reduzido.

Hoje à volta de Maputo tens 2 500 ha de banana. Para entrar no mercado da África do Sul, foi necessário criarem-se parcerias.

Para outras culturas, é muito difícil, porque Maputo não é competitivo. E Moçambique tem falta de tudo.

Não tens produção porquê? Será tão difícil teres produções para abastecer Maputo? Não é. As políticas que existem é que não ajudam a ninguém. É preciso pensar sempre em dar valor àquilo que produzes. Quando se entra em competição com outros produtores, é preciso estruturar e criar outros segmentos do produto (compotas, ...). Isto é muito difícil, porque nunca se sabe quando vem o produto.

Criam-se distorções completas no mercado porque o governo apoia medidas paliativas, em regime de dumping, em que todos metem o produto, e o preço baixa, o que acaba por resolver um problema de momento (os preços elevados). Este regime é o pior para o produtor, que acaba por

ser o mais sacrificado.

A produção agrícola diz respeito ao Ministério da Agricultura, enquanto a compra, venda, exportações, dizem respeito ao Ministério do Comércio, e estas duas entidades não comunicam, quando na verdade deveriam tratar os assuntos de forma transversal.

A produção de arroz no país está neste momento comprometida pelas políticas existentes. Mete-se muito produto num mercado que não tem mercado.

Quando se diz que o produtor normal produz meio herctare, é mentira. Um camponês, produz cerca de

Moçambique exporta hoje 99% do que a África do Sul importa em banana. Moçambique exporta mais de 100 000T. 30 camiões por semana, uma empresa. Cada camião tem 27T. Em boane existem 12 grandes produtores.

Estás acima da produção de castanha de cajú, da de algodão, só não estás acima do tabaco. Banana é um produto de sucesso.

Enquanto não houverem políticas de protecção sobre a produção nacional, a África do Sul continuará a ser o celeiro de Moçambique.

Em Moçambique existem sistemas de regadio TOP em África, que estão parados, porque as tarifas para a electricidade são muito caras, não havendo rendimentos, não há como pagar e usufruir destes investimentos.

O plano estratégico para a agricultura está pensada para a agricultura familiar. O governo entende que todas as pessoas que vivem no campo são camponeses, o que não tem necessariamente de o ser.

ANEXO 7

Pedro Chaves | Promotor Imobiliário

Trabalha há 10 anos naquela área, mas nada tem a ver com a sua formação, em Economia Agrária, mas foi exactamente por isso que se interessou pelo projecto, e participou no processo de privatização das empresas estatais.

No local do Belo Horizonte, existia uma empresa de Leite e Laticínios de Maputo, e como economista agrário, participou no estudo para fazer a privatização da empresa. Resultante da privatização, passou a uma empresa de pecuária. Foi uma equipa de médicos veterinários que compraram a empresa. Era uma área de quase 2 000 ha.

Em 2002, depois de regressar do Brasil, onde vivi um ano em Campinas, vi, resultante da expansão urbana, condomínios semi-rurais, com áreas bastante grandes com meio ha, 1 ou 2 ha, onde as pessoas da cidade grande podiam viver, e viver bem.

Quando regressa em 2002, numa visita a esta machamba em Belo Horizonte, verifica que os seus amigos começam a perder bastantes áreas para invasões.

A imobiliária Umbeluzi, com o projecto Natureza Viva, surge assim como uma solução para que não se perdessem as terras. Forma-se uma sociedade, com a empresa que detém a terra, e outros sócios. Esta área apresentava já água e electricidade “à porta”, tornando-se assim um local ideal.

Mesmo depois de se começar o processo de urbanização, existiram casos sérios de invasões, pela guerra, por situações climáticas, ou por que se foram fixando ali pessoas, resultando assim em perdas de grandes áreas.

Existem 660 fogos na primeira fase de urbanização, sendo que na segunda fase, existem mais 160 fogos, nesta área existem ainda 130 ha para ocupar na nova fase de expansão.

Na época colonial foi feito um plano director que ia somente até à Matola.

Quando começamos o projecto em 2003/2004, só existia uma casa perto do restaurante Belo Horizonte, já do tempo colonial. Nos últimos 11 anos verificou-se uma explosão da ocupação. Existia ainda uma pequena área de ocupação informal, mas nada significativo.

O bairro Campoane sim, era um bairro grande, mas naquela área não existia de facto nenhuma população, por se tratar de uma machamba pecuária.

Hoje em dia já existe alguma preocupação do poder pública, e empreendedores preocupados com a expansão urbana. Maputo é a capital e de facto atrai muita gente, e as pessoas procuram espaço. Nos últimos

11-12 anos Maputo cresceu muito. Maputo sendo uma cidade de 180°, só tem 2 lados para crescer. Existem agora 3 eixos de ocupação na cidade, o de Boane, o da EN4, e o da EN1. Agora começa a aparecer um 4º eixo para a Catembe, onde também se irá verificar uma explosão da ocupação.

Hoje existem projectos de urbanização em todo o Maputo. Quando começamos o projecto, não existia nenhum promotor, fomos pioneiros. Nem o estado, o que existia era um desenvolvimento feito de forma anárquica, espontânea.

A Matola-Rio cresceu muito.

Em 2006-2007 começa uma grande expansão na zona da Mozal. Nos últimos 4 anos, a área da EN4 explodiu.

A zona do Belo Horizonte é muito interessante do ponto de vista de desenvolvimento urbano. Ali confluem duas coisas: algumas iniciativas do sector privado organizado: nós, o BH1, o BH2 já teve um parcelamento mais organizado, estradas, maior servidão... A diferença maior é que o desenvolvimento planificado, as infraestruturas urbanas são planeadas, não são espontâneas. Existem bairros sem ruas por exemplo.

Tem gente que vai com o camião, pedreiro, chegam no sábado, abanca, e na segunda-feira já tem lá uma casota. As pessoas têm de tomar posse do talhão. Nós recomendamos primeiro que se façam os muros. Depois que exista alguém a guardar o terreno.

Quanto às pessoas ocuparem os terrenos, a legislação é bem clara, no entanto existe também os costumes. Se tu entras num local, apossas-te dali e comesças a construir no terreno de alguém, e ninguém se apercebe, é muito difícil de tirar as pessoas dali, porque existe o Uso Costumeiro.

A elevação a município tinha de ser, é um avanço. No entanto tudo o que é novo, tem conflitos. A situação é muito complicada. Há uma interferência espacial. Há dois galos no mesmo galinheiro: há o município e o distrito. Isto cria conflitos e um gasto de dinheiro. Não há meios financeiros nem pessoais. Juntam-se depois pessoas, que não têm nada a ver com o município, porque pertencem ao distrito. Os recursos são muito poucos, e esta divisão acaba por complicar e aumentar ainda os gastos.

Tudo em boane está em função da governação distrital, que é uma administração rural. Agora chega uma nova entidade que gere pessoas do município que estão ali e que nada têm a ver com o distrito.

Para nós esta elevação a município foi um avanço. Aquela população do BH vai poder começar a tratar das suas questões com uma organização pública mais presente, mais perto. Antes tratava-se tudo a nível da província, em que o governador tinha de despachar. Agora é mais próximo, e o dirigente é mais próximo.

No 1 anos e meio que estão lá o município já esta a mudar e a melhorar.

Mas vai ser um parto difícil. É muito difícil administrar sem fundos e sem pessoas.

Picoco é uma iniciativa do governo, pelo Fundo de fomento a habitação. O fundo de fomento agrário organizou. O picoco surge porque nesta região havia muitas invasões de terra, e o estado interviu para criar uma estrutura urbana razoável, onde as casas são boas, São cerca de 40 casas. No entanto todo este desenvolvimento desencadeou um problema grave de acessos. Criaram-se muitos nós de estrangulamento.

Antes eu demorava 20 minutos para chegar ao BH, hoje demoro até 1h20.

Antes ter actividade económica em Maputo era tranquilo. A questão das escolas. Hoje, para ter filhos nas escolas as 7h da manhã em Maputo, é preciso acordar às 4h da Manhã. Foi uma mudança muito rápida.

Cresceu muito a actividade económica em Boane e Namaacha.

Nos últimos 10 anos cresceu muito a indústria pedreira, e vêm muitos camiões desta zona para as construções de Maputo.

O acesso hoje é o grande problema.

Maputo só tem três saídas hoje. Na realidade são só duas, porque só na Matola é que bifurca para a EN4. Como é que uma cidade capital desta dimensão tem só duas saídas?

A circular vem resolver alguns destes problemas. No entanto para Boane não existe outra alternativa. A RSA, a Swazilândia, desemboca na EN2. Agora com a ponte, pode-se chegar a Boane pela Bela Vista, mas também vai desembocar em Boane. É preciso pensar-se em novos acessos.

Prevê-se a duplicação da EN2, num universo de 5 a 10 anos. Vai desfogar o trânsito, no entanto vai ser durante um tempo. O que resolve as cidades modernas, são de facto as circulares. É preciso uma circular da Matola, uma circular para Boane.

A zona de Boane está a crescer muito. Felizmente a cidade está a crescer muito para a zona norte. Começam a aparecer muitas urbanizações e condomínios. Isto resolve a questão do impacto, mas a nível da mobilidade cria grandes problemas. Outro problema que não se tem pensado, é no saneamento. Não existem estações de tratamento de água. A população

O BH como tem uma área grande, vai sobreviver ao problema do saneamento ainda por muito tempo.

Nos próximos 3-4 anos prevê-se que Boane tenha água abundante, abastecida pela barragem da Moamba. Mas por um tempo. Se não houver uma política de micro-bacias, Maputo não vai aguentar por muito tempo.

Ainda existe um outro recurso, que é a barragem de Kurumana, no entanto não existe investimento para infraestruturar. É uma reserva importante.

Relativamente à energia, Maputo não deve sofrer com problemas de energia. Já existe energia alternativa a gás.

O crescimento espontâneo é o desastre. O estado não tem capacidade para fazer o plano. Se tivesse um plano, não teria capacidade para implementar o plano. Não existem políticas de implementação dos planos.

ANEXO 8

Carlos Serra | *Jurista, Professor, Chefe do Departamento Jurídico do Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural*

P: Como é que é feita a operacionalização dos planos e consequentemente do território?

R: Talvez eu começasse por cima. Primeiro eu acho que toda a lógica de assentamentos está a ser feita de forma muito reactiva ... Ou seja, as dinâmicas da terra, principalmente a procura de terra, quer na cidade, quer na periferia acaba por ser muito mais pelo esforço singular das pessoas, pela falta de alternativas nas suas centralidades, propriamente por uma acção de raiz pensada pelas entidades competentes.

[...]

É preciso anteciparmo-nos. Por exemplo, uma autarquia é criada depois de muito já ter acontecido no território. Há critérios bastante políticos ... aquela preocupação pelo equilíbrio territorial, as autarquias, o processo é gradualista ... O que acontece muitas vezes é que as autarquias são criadas de forma equilibrada em todas as províncias, no entanto, há províncias que já justificavam essa criação em número superior em relação a outras. Não comparar a província de Maputo com a do Niassa por exemplo. Mas pronto, com aquela preocupação de demasiados municípios numa e noutra não ... Mas o que se passa é que, por exemplo: Boane é criada tardiamente, Marracuene não é autarquia ... E a diferença é gigantesca entre ser e não ser autarquia. Uma autarquia enquanto tal, tem todo um artefacto de instrumentos legais e de planos. Por exemplo, um distrito faz planos Gerais/distritais de uso de terra, enquanto uma autarquia apresenta um Plano de Estrutura Urbana, um Plano Geral e Parcial de Pormenor. Então esta visão da organização do território, esta leitura com a antecedência necessária dos assentamentos humanos, as necessidades de espaço para o crescimento, mas principalmente para o desenvolvimento das cidades, têm de ser uma prioridade nacional. E realmente agora, nós estamos a reboque. A gente tem que, em algum momento, conseguir ultrapassar esta fase. Faz-se uma estrada, mas não se pensa nos efeitos colaterais dessa mesma estrada, e o resultado está à vista ... amanhã ordenar é muito mais difícil, vai ser uma requalificação honorosa, e não vamos ter dinheiro suficiente ... Nunca! A estrada circular, criou novos nichos ... ainda estava em processo de construção, já as negociatas de terras estavam a acontecer, já os terrenos estavam todos tomados, e depois foram lá partir alguns muros ... Mas já é tarde demais, quer dizer ... Antes da estrada já se devia ter equacionado todo o processo de ocupação do espaço territorial através das figuras obrigatórias pela lei, mas também a implementação disto tudo.

[...]

Não se pensa então, em todo o outro lado, quer dizer, não é só habitação, temos de pensar nas questões da mobilidade, dos equipamentos colectivos, um simples campo de futebol ... Temos de assegurar e salvaguardas as áreas de reserva agrícola e ecológica, que estão a ser tomadas. Nós depois queremos agricultura, e não temos, queremos os produtos, e não temos!

P: Mas e como é que funciona? É atribuído um DUAT para uma actividade agrícola, como é que depois passam rapidamente a urbanizações? Isto é legal? Como é que é possível?

R: Isto ainda é um processo muito embrionário. Muitas vezes as pessoas têm DUATS, mas não têm títulos, portanto o título é que diz estas coisas.

[...]

Isto é uma coisa muito complicada. Porque, maior parte destas áreas agrícolas são direitos reconhecidos pela ocupação. A lei prevê três figuras: a autorização de um DUAT, a atribuição ... E é uma minoria, ir à administração, ir ao município, ir ao governo provincial pedir um DUAT. É uma percentagem muito reduzida a nível nacional. Maior parte dos DUATS não têm título, portanto são DUATS que a lei protege através do reconhecimento da ocupação. Portanto, as pessoas têm as suas áreas agrícolas, mas nas dinâmicas de procura, como o Estado não tem realmente a capacidade de despachar e tratar, em tempo útil, dos tais pedidos de terra, cada um se desenrasca ... e cria uma situação de mercado de terras. Por exemplo, eu preciso de um talhão, então vou lá, negoceio com alguém local, esse alguém que tem uma machamba, pronto ... fazemos um tipo de documento, e de repente eu torno-me no ocupante. E depois não é muito difícil provar que eu estou ali há dez anos ... Mas não estou coisa nenhuma. E estes são refúgios que se encontram pela incapacidade do Estado em prover terra segura em território organizado e ordenado. Esta é a mais pura e simples verdade.

Com a criação de uma autarquia ... Falando de Boane, não como distrito, como autarquia...

É só falar com o edil e perceber o que foi o suplício que ele encontrou, em que ele tem toda a estrutura de base, lá o pessoal, os secretários de bairro ... toda aquela gente está envolvida em esquemas de terra. É muito difícil e depois ele sofre pressão porque tem de conciliar os interesses todos e inclusive os da agricultura, de pequenos e grandes produtores, mas herdou um território completamente caótico, em que são anos, anos, anos em que a gente esteve a reboque.

[...]

P: Mas então é o título que confere o uso? O DUAT não tem já um uso definido?

R: Sim. Quando a gente vai pedir um DUAT, a gente pede em função de um uso. Se é para agricultura, é para agricultura, se é para habitação, é para habitação. Temos de apresentar o plano de exploração inclusivamente.

Há um conjunto de documentos obrigatórios. E aí com a autorização nós estamos condicionados, portanto já não poderemos converter ...

P: Pois, mas então essa conversão é feita legalmente?

R: Ela está a ocorrer principalmente nas ocupações. Nos últimos tempos têm surgido alguns empreendimentos imobiliários com título. Mas lá está ... A pessoa pediu o DUAT para um objectivo qualquer, talvez até comercial, ou até de fomento à habitação, e depois faz um parcelamento lá dentro. Isso aproxima-se um bocadinho da figura que acontece na Europa e outros países por exemplo ... depois surgem as fracções, surgem os DUATS individuais dentro de um DUAT maior. Por exemplo nos condomínios ... isso está a surgir muito lá para a Matola, Belo Horizonte ...

Mas lá está, própria legislação está a reboque das dinâmicas do espaço físico. O quadro legal ainda não está devidamente preenchido nesta matéria, e também não se resolve tudo com leis.

Dentro daquilo que é o plano aqui dentro, nós queremos desde logo lançar as bases para a organização das cidades, dos assentamento humanos ... portanto o quê que uma cidade deve ter, o quê que um assentamento humano deve ter no mínimo, para ter os tais valores da sustentabilidade, da saúde pública, do equilíbrio ...

Isso vai ser uma proposta de leis, esperamos que passe na assembleia da república. Também mais facilmente faremos passar um regulamento, mas só para os espaços públicos. E a nível do ordenamento, estamos preocupados com esta questão dos parcelamentos. É necessário também trabalhar com as figuras existentes ... e a nível de terras, fala-se muito agora do regulamento de concessão e exploração, e vamos tentar que comece por aí.

Mas o que é certo, é que o nosso território tem um conjunto de modelos que não estão ajustados, e isso depois prejudica todo um conjunto de valores.

P: Quanto às áreas de reserva agrícola, cada município é que as gere?

R: Quer num caso quer noutro. Portanto através das figuras de um instrumento de ordenamento do território. Boane tem um Plano Distrital de Uso da Terra. Em princípio, a questão das áreas de reserva agrícola devem estar salvaguardadas, mas é a um nível muito macro.

[...]

O próprio município deverá ter um Plano de Estrutura Urbana, mas eu quero acreditar que não tenha ainda, porque é novo, foi criado agora. E a primeira parte foi resolver fogos, mas quero acreditar que é uma intenção do actual edil, que é uma pessoa com visão, que quer organizar um pouco isto.

Está prevista nos termos da legislação do Ordenamento do Território, no artº 20 da Lei.

Existem depois duas ferramentas, que podem dizer respeito ao caso de Actividades Económicas que implicam reassentamento, quando tem de haver reassentamento, e a Directiva Técnica, aprovada na altura pelo MICOA, que diz respeito à justa ocupação, que diz respeito aos cálculos e às fórmulas.

Logo à partida existem três motivos para a expropriação. A expropriação é sobre as infraestruturas e não sobre a terra. Sobre a terra figura é a revogação do DUAT, portanto as duas coisas estão interligadas. Expropria-se o edificado ou o que está sobre a terra, mas em relação ao DUAT, figura apropriada, figura é a revogação do direito.

Os três motivos são sempre: o interesse público, a necessidade ou a utilidade.

Interesse Público: são os casos maiores, construção de empreendimentos para a economia.

Necessidade: são para situações de mudanças climáticas

Utilidade: são as obras municipais, casos mais pequenos.

Se o solo não estiver a ser utilizado, o estado pode revogar o DUAT que atribuiu. Ao fim de determinado tempo, a entidade que aprovou o DUAT, o plano de exploração aprovado não foi observado, decorre o tempo de exploração, o estado pode ir buscar.

Para os casos em que o plano de exploração não esteja a ser cumprido, pode também ser revogado. Existem casos graves em que se apoiam numa ideia de que a lei não é cumprida.

O que abrange políticas de ordenamento do território cabe ao MITADER. Essa supervisão é feita pelo MITADER, sendo que o acompanhamento e implementação é feita pelo município, em concordância com o MITADER, com os instrumentos elaborados pelo MITADER.

60 a 70% da área urbana é composta por assentamentos informais. Continua a ver-se um grande crescimento da ocupação informal. Tudo o que seja zona ecológica vulnerável está a ser pressionada.

Muitas vezes o que se vê, é que dentro de um talhão, são subalugadas áreas, e 4-5 família partilham o mesmo talhão.

Jacinto Loureiro | *Presidente do Município de Boane*

P: Primeiro esta questão da área metropolitana, que não existe um limite formal ... Mas se fará sentido então existir e ser reconhecido este limite? E como é que este limite poderá influenciar a ocupação formal e informal do território?

R: O facto é que em Moçambique temos ainda um início da democratização. Ainda não chegamos ao ponto de ter a província como um município, de facto isso atrapalha um pouco, mas temos de seguir as políticas do estado. O que a gente faz é estar nos municípios, mas em termos gerais, as políticas do estado nós temos de abraçá-las, porque são políticas nacionais, e nós estamos integrados. Mas de facto não existe uma umbrela, digamos assim, onde todos estaríamos juntos. Mas isso também é das grandes vantagens do poder local, porque dá-nos autonomia. O poder dentro das tuas posturas, respeitando a bandeira nacional, tu poderes fazer o que o povo acha que tem de ser feito naquele local, e haver essa competitividade, e isso é de se salutar. Embora não exista esta coisa geográfica da AM, em que seríamos como um “sub-município”, se calhar ia tirar a autonomia que actualmente o município tem, portanto acho que está muito bem assim, com a nossa autonomia, temos é de respeitar as leis nacionais. Uma vez feito isso, nós temos de ter liberdade de inovar, de criar, de fazer tudo o que achamos que tem de ser feito.

[...]

Quando se criou o município, era mesmo para estarmos mais próximos da população, hoje tu vês que o ritmo e a velocidade com as coisas da organização, tu dialogas com eles directamente, que te diz que é melhor escolher outro caminho, tens um interlocutor mais próximo, que confia em ti, porque em princípio, eles votaram em ti, e acreditam realmente que tu vens fazer mudanças. É um passo, quando tu inovas quando trazes novas metodologias de trabalho, agora é município, é diferente do que o governo que está lá em cima, que tu ouves falar que um dia há-de chegar a água, agora aqui não. Ele prometeu, vai ter de cumprir. Essa é a força do poder local. É a importância do poder local. Por um lado é difícil, porque há poucos recursos, mas é benéfico porque é dito e feito, é a própria população a ser dona de si mesma, com alguém que cria balizas.

P: Agora ... Eu vou-lhe cortar aqui algumas questões e perguntar sobre algumas informações que eu ainda não tenho ... O bairro Fiche é onde vai ser feito o realojamento, da zona onde vai dar a circular. Que com a conclusão da circular, retirariam as barracas e o comércio que existia aí, e seriam recolocadas no novo mercado municipal ... Agora o bairro Fiche vai ter uma zona de habitação ...

R: O bairro Fiche já é todo habitacional, o que é preciso, por causa da guerra, ficou totalmente desorganizado, é um bairro que não tem uma estrutura urbana. É preciso aos poucos fazer-se essa correcção. Mas paralelamente a isso, é preciso criarem-se novos bairros, já organizados, que não se repitam os mesmos erros que se fizeram no bairro fiche. O bairro fiche é um bairro que se criaram infelizmente como Mafalala e outros, que se criaram de forma desordenada. É preciso aos poucos corrigirmos os bairros antigos e criarmos os novos de forma organizada. No Picoco, os novos parcelamentos que estamos a fazer já é pra criar novos bairros que são futuras cidades, já com estradas largas. Esta circular que nós fizemos é para não concentrar todos ali ao longo da vila, onde chega o transporte porque só tem estrada ali. É uma forma de expandir as pessoas, de expandir a vila, para outras áreas que hoje ainda não são apetecíveis. Por exemplo, eu se te der um terreno lá, onde não tem estrada, tu dizes Espera lá ... [risos].

Agora com estradas, ainda que sejam terceárias, de terra batida, as pessoas já se motivam a ter a sua casa o seu campo agrícola ali, enfim ... de forma a que nós comecemos a expandir. Já comecemos a implantar campos de futebol porque atrai a juventude. Nós estamos a tentar descongestionar a Vila. A vila há dois anos atrás era uma desordem completa. Ainda é, mas está a anos luz melhor do que era. Era muito lixo, uma anarquia completa.

[...]

É preciso darmos uma visão, um horizonte, aos espaços que queremos daqui a 5 anos, 10 anos, quando vier outro (autarca), é isso mesmo, é expandir a vila, tirar aqueles mercados que estão ali no centro da vila, e aproveitá-los como economia para o próprio município. Não é por estarem a vender de forma desorganizada que não têm potencial económico, podem reverter em benefício da própria economia. Vamos retirá-los, e coloca-los em locais mais apropriados, continuando a captar o que eles têm de bom, que é a riqueza ... gira dinheiro, muito dinheiro.

Boane tem uma grande vantagem que é estar no centro, ele tem três outros distritos Namaacha, Moamba que nos dá uma grande vantagem e é onde temos uma grande concentração, é um eixo onde se concentram outros municípios, que vêm fazer comércio, e inclusive da Swazi1 ... Ao fim de semana há muito comércio Swazi. É preciso aproveitar o potencial de Boane por estar num eixo. Tu tens a Swazilândia a 20 Km, a fronteira de Ressano Garcia a 30 Km, tens três distritos, é um centro comercial que de facto no futuro tem de ser melhor capitalizado. Todo este nosso desenho e o que estamos a plantar agora, era termos um plano director. Infelizmente é caro e exige muito trabalho, mas vamos fazendo o nosso plano à nossa maneira, ao menos vamos definindo áreas para comércio, habitação, indústria, estamos a criar parques industriais. Nós muitas vezes queixamo-nos do transporte, mas não temos transporte para ir para onde? Grande parte daquela população ainda encontra o seu trabalho e a sua fonte de renda em Maputo e na Matola. Se nós levarmos as indústrias para lá, também estamos a resolver estes problemas de transporte. Estas enchentes, as

estradas É necessário que nestas vilas se criem os próprios pólos de desenvolvimento. Para que se concentrem as pessoas lá, que não precisem de vir buscar emprego noutros locais. Estamos a acabar com a agricultura ... Boane sempre foi um grande pólo agrícola abastecedor de Maputo, é emprego, é riqueza, é economia, podemos criar zonas e cativar essas zonas como zonas que nunca vão deixar de ser zonas agrícolas, e nós estamos a fazer isso agora.

P: Relativamente a estas questões da agricultura que também me interessavam, há de facto zonas de reserva agrícola?

R: Há. Há e nós agora estamos agora a documentar zonas de reserva agrícola, e estamos a tentar que sejam reconhecidas pela assembleia e onde a habitação nunca se sobreponha a estas zonas. Em Nelspruit2 ... Tu entras em Nelspruit e vês um bocadinho de tudo.

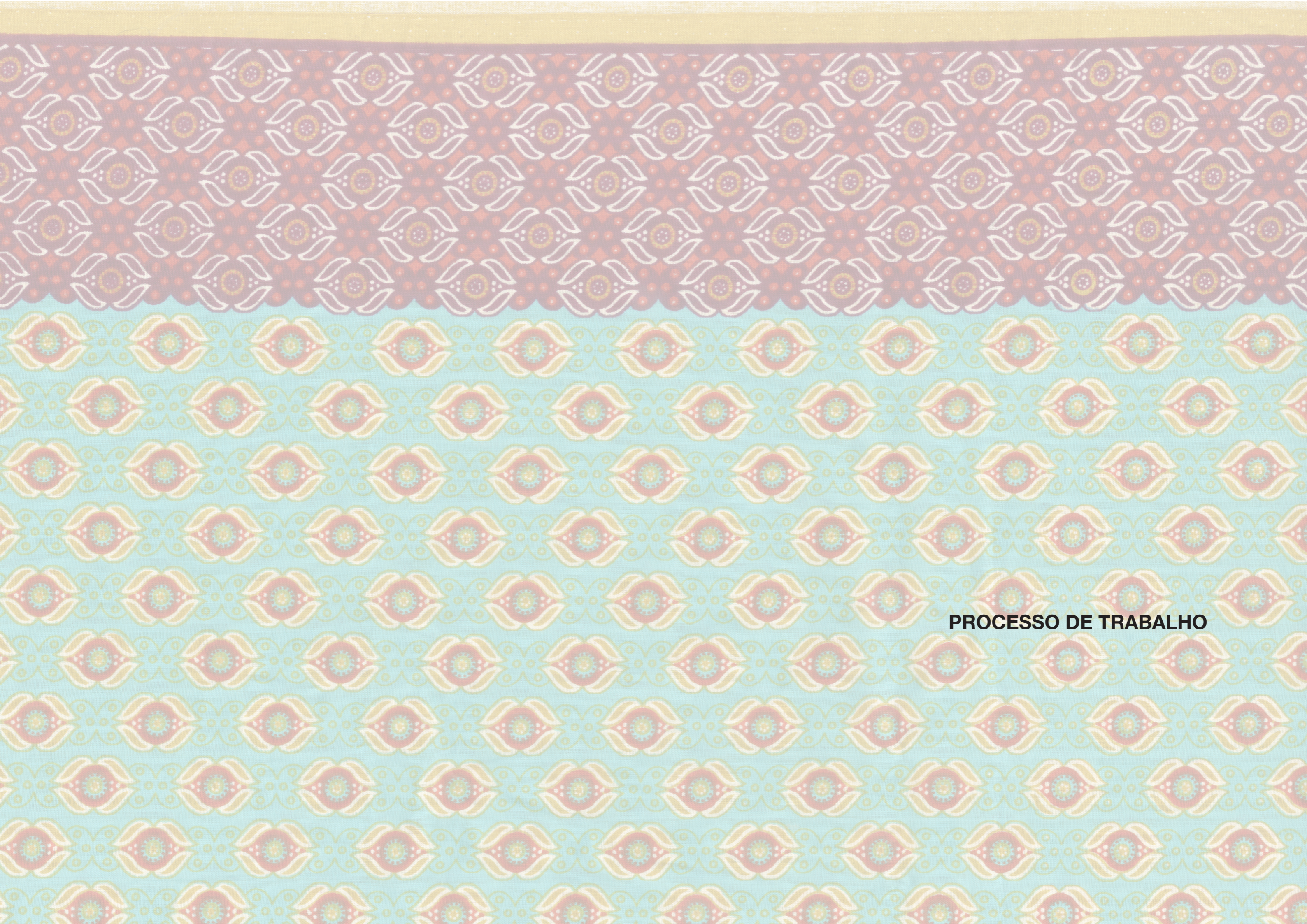
[...]

P: Onde é que são estas áreas de reserva agrícola?

R: São várias as áreas, estão espalhadas por toda Boane. Já desde o tempo colonial, Boane era um grande pólo abastecedor de Maputo. Havia muitos colonos com grandes produções de terra, só que essas terras agora estão a ser invadidas pelas pressões demográficas. Nós o que estamos a fazer agora é a bloquear essas áreas, são áreas altamente produtivas, que existem um pouco por toda Boane. E é bom que seja assim, porque elas acabam por estar distribuída, porque dá emprego, dá melhor facilidade, cria um verde, cria um melhor ambiente. Este ano estamos a criar um programa que seja Boane, o município do Verde. Queremos fazer um programa para plantar milhares de árvores, para que tu, quando saias de Maputo ... Seja um diferencial ... O quê que eu vou encontrar lá? Verde, rios, uma natureza diferente. Então estamos a lançar este programa, sem muito dinheiro, mas que possamos valorizar, criar uma autoestima e uma identidade para a vila.

P: E agora para fechar, perguntava-lhe sobre a sua utopia deste crescimento e desta expansão para Boane?

R: O meu sonho seria deixar Boane nos carris ... tirar daquele estado de anarquia completa. E podermos dizer Agora temos um plano, e saber para onde a cidade vai crescer, para onde a cidade deve crescer e como organizar, e como será a cidade daqui a 10, 20, 50 anos, o que neste momento não tem. Hoje tu queres construir uma casa, constróis, queres abrir um restaurante, vais ali a constróis, e não é assim que se desenham as cidades. O meu grande sonho é sair e deixar um caminho para que aquilo possa continuar de forma organizada. Que se deslumbre na cabeça das pessoas como será este Boane. Deixar de fazer Boane um corredor, e sim um ponto de atracção. Esses são digamos, no fundo, os ... O meu mandato ainda é pequeno, eu não posso sonhar muito [risos] mas, pelo menos conseguir isto, nós já conseguimos ... e tentar um nova mentalidade das pessoas, uma mentalidade mais cidadinha, mais ... Que ainda não tem.



PROCESSO DE TRABALHO



MOZAL

PARQUE INDUSTRIAL
BELUANE

PORTO DA
MATOLA

PORTO DE
MAPUTO

FABRICA PAPER
A WELBY

Complexo

FUTURAS INSTALACOES
CONCELHO MUNICIPAL
+
MERCADO MUNICIPAL

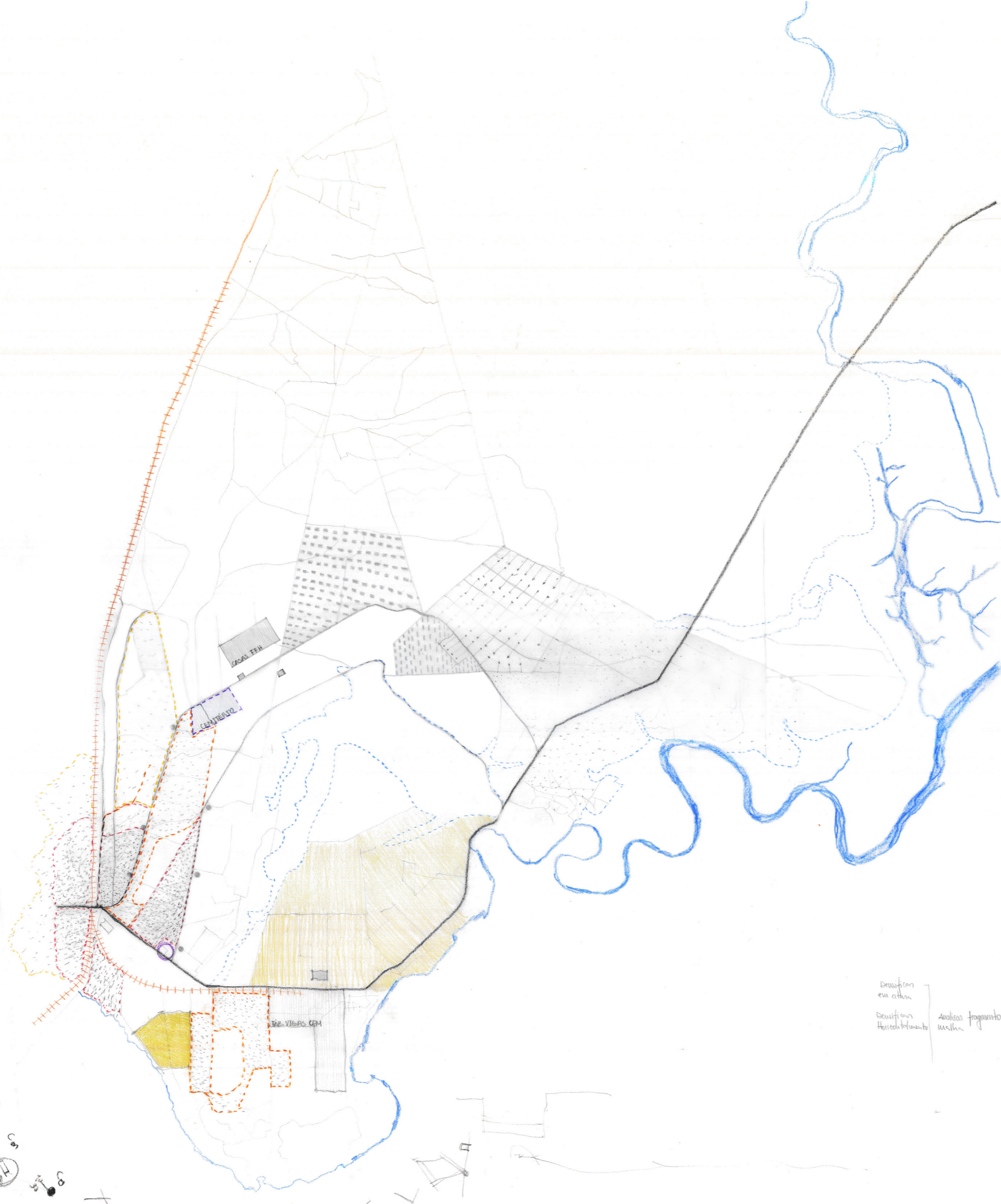
FABRICA TEGAS
ECTO CFM

LIMITE MUNICIPIO
BOANE

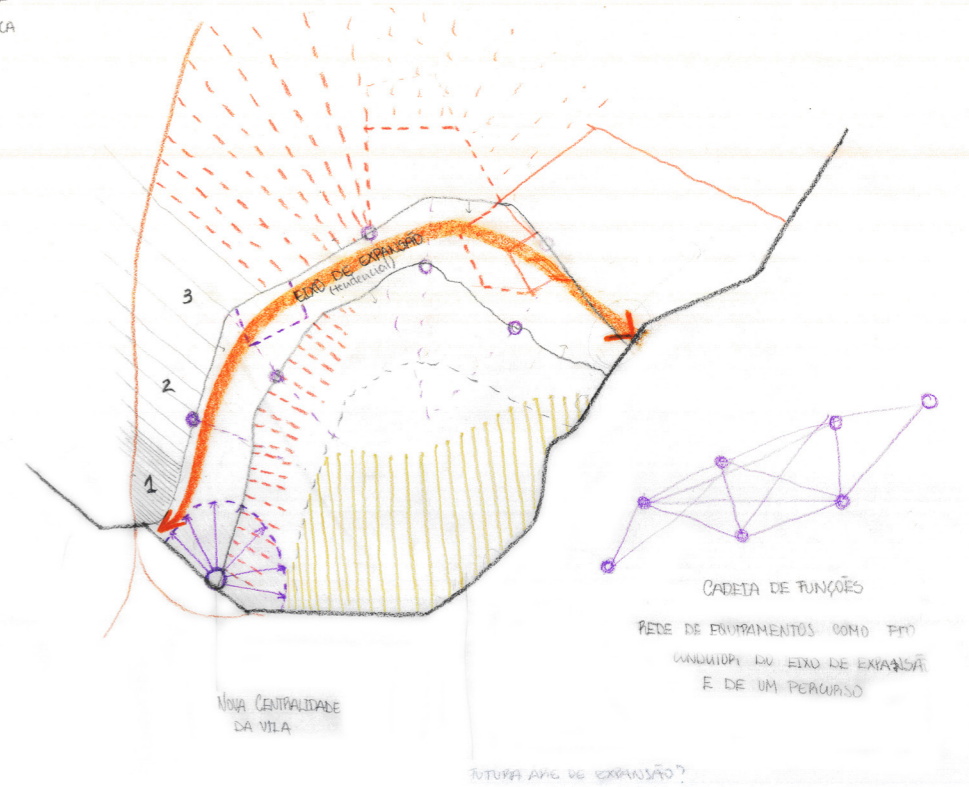
MISSACA 2

- TERMINAIS CHAPAS
- DISTRIBUIDORA NACIONAL (EN 2)
- ESTRADAS PRINCIPIS NAO PAVIMENTADAS
- DISTRIBUIDORAS LOCAIS NAO PAVIMENTADAS
- EQUIPAMENTOS E SERVICIOS

LIMITE MUNICIPIO BOANE
(FORA DO LIMITE AMM)



EN2
 REDE TRANSPORTE
 • MAPUTO/NUANETSCHA
 • MAPUTO/BOCANHA
 • MAPUTO/VASSACA

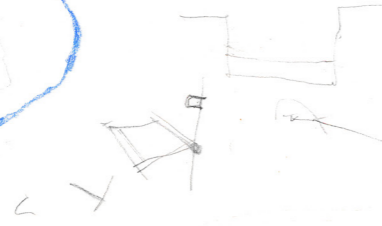
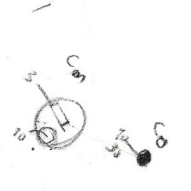


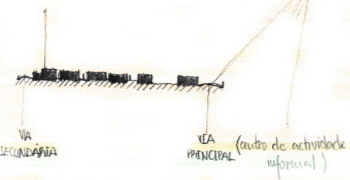
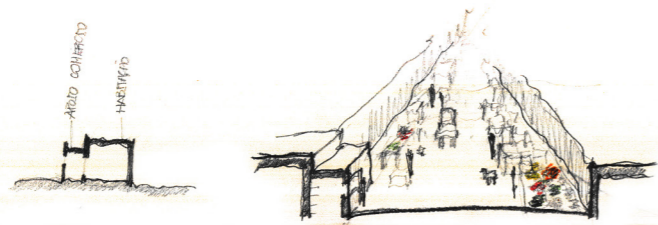
1/25 000

LEGENDA:

- RIO
- - - - - ÁREAS INUNDÁVEIS
- ESTRADA NACIONAL
- DISTRIBUIDORAS PRINCIPAIS
- DISTRIBUIDORAS LOCAIS
- A. RESIDENCIAL MED. DENS.
- A. RESIDENCIAL BAIXA DENS.
- - - - - A. A. RESTRUTURAR
- - - - - A. A. RESTRUTURAR
- - - - - A. A. RESTRUTURAR

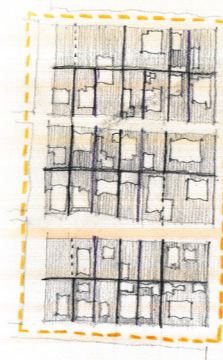
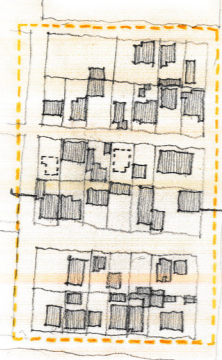
Desenho em plan
 Desenho horizontalmente
 Análise fragmentos da malha





1 CENTRO VIA BOANE (MALHA COLONIAL)

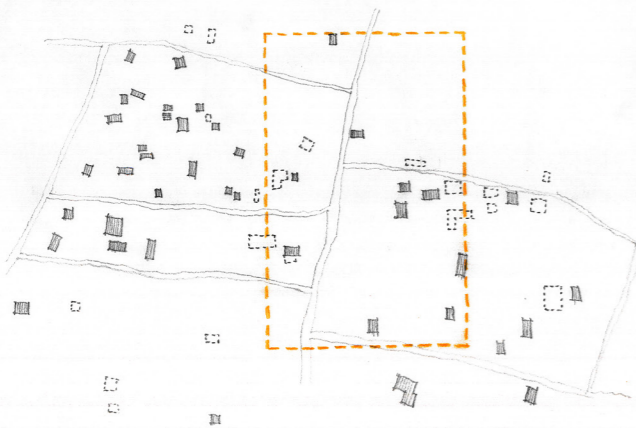
- AI: 4778 m²
- AC: 4778 m² (nº med. pisos = 1)
- I₀: 0,19 m²
- I_v: 0,19 m²
- N_{pe}: 40
- DP: 0,008 hab/m²



POP ≈ 200 hab

5 PERI-URBANO (PERIFERIA DA PERIFERIA)

- AI: 1457 m²
- AC: 1748 m² (nº med. pisos = 1,2)
- I₀: 0,06
- I_v: 0,07
- N_{pe}: 10
- DP: 0,002



POP ≈ 50 hab

1:2000

- 2 ESCOLAS SECUNDÁRIAS
- POLÍCIA MUNICIPAL
- CENTRO DE SAÚDE
- MERCADO MUNICIPAL



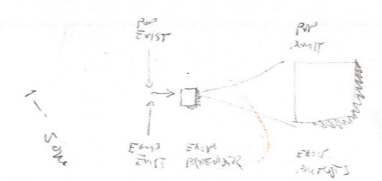
HOSPITAL DISTRITAL (pop base 200 000 hab)

POPULAÇÃO PROJECTADA (2007-2040) DISTRITO BOANE					
	2007	2010	2020	2030	2040
	104 128	121 538	189 824	274 978	379 241

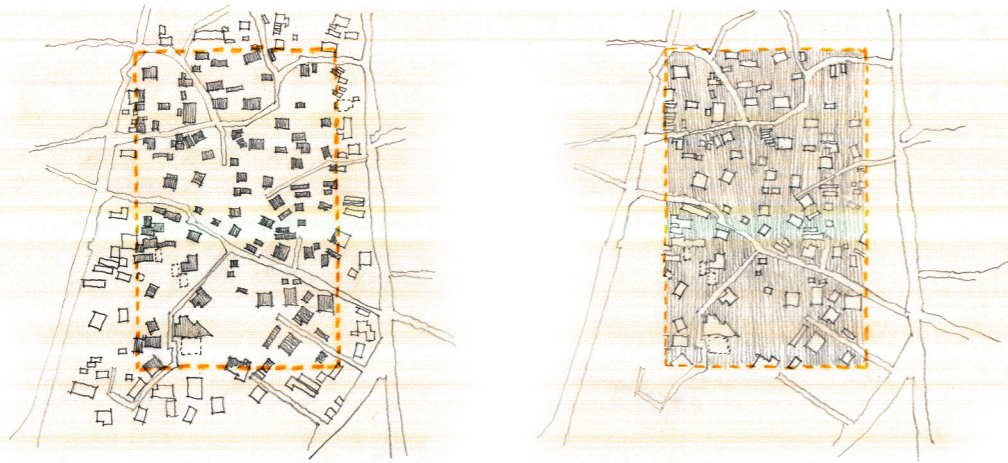
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO PELO DISTRITO - 2013

0-4 ANOS	22 228
5-14 ANOS	34 393
15-64 ANOS	72 452
65 < ANOS	4 933

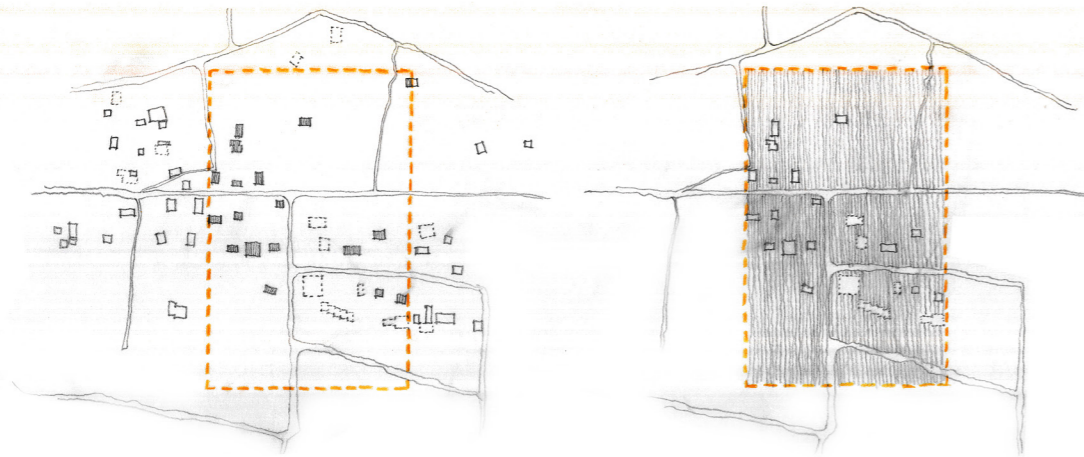
POP. TOTAL 134 006 hab



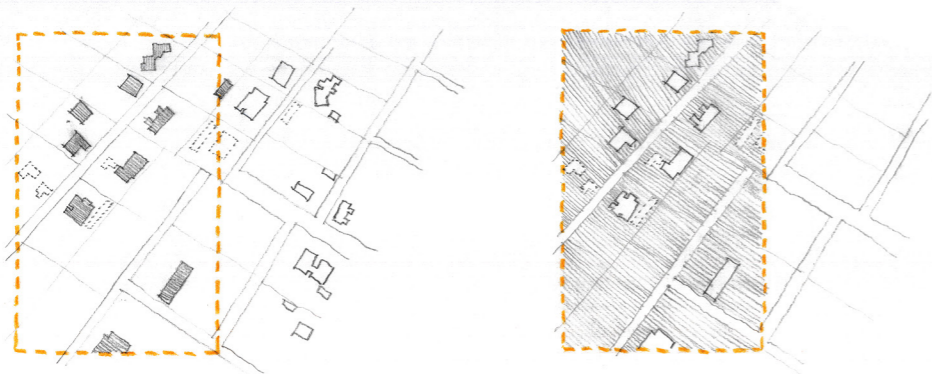
2. PERIFERIA VILA DE BOANE



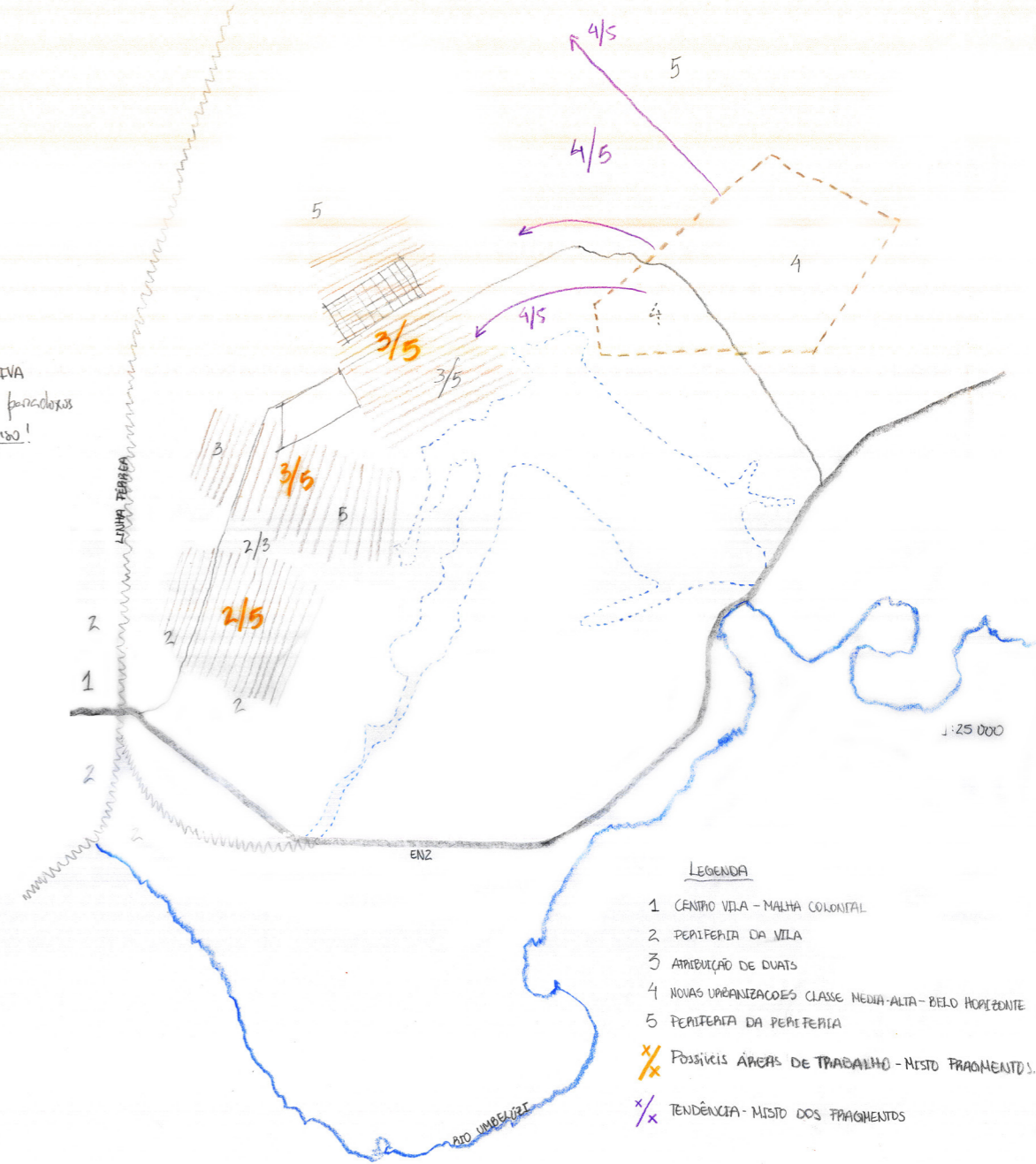
3. ATRIBUIÇÃO DE QUARTIS



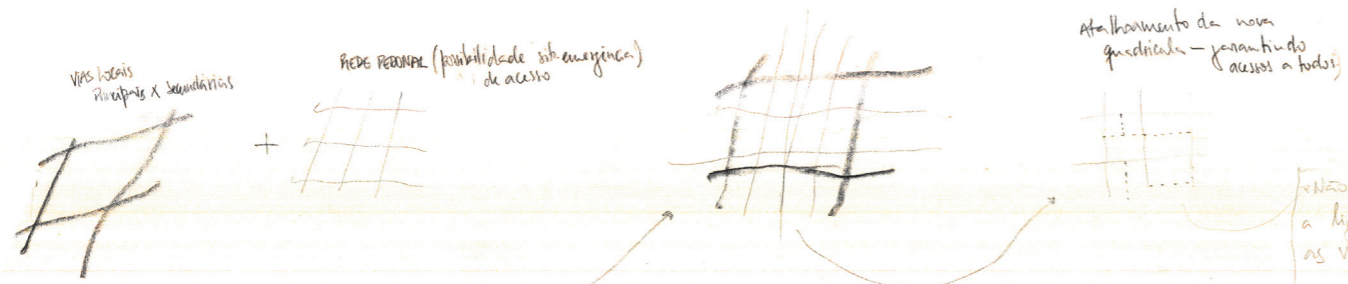
4. BELHO HORIZONTE



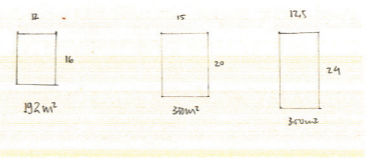
ABORDAGEM TRANSVERSAL PROJECTIVA
 ↳ busca a uma articulação dos processos
 adjacentes e não um consenso!



"(...) TODOS ESTES LUGARES SÃO CENÁRIOS DAS VIVÊNCIAS QUOTIDIANAS DESTES DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS, INDUTORES E REPRODUTORES DE DIFERENTES IDENTIDADES E PADRÕES URBANOS DE VIDA. HAVERÁ LUGARES QUE DETIÑAM MAIORES CARACTERÍSTICAS IDENTITÁRIAS? QUAL É O LIMITE SÓCIO-ESPACIAL ABAIXO DO QUAL CESSA A CAPACIDADE DE RESILIÊNCIA? OU AQUELE ACIMA DO QUAL SE PERDEM OS ATRIBUTOS DA URBANIDADE?"



Não fazer a ligação com as vias locais próprias

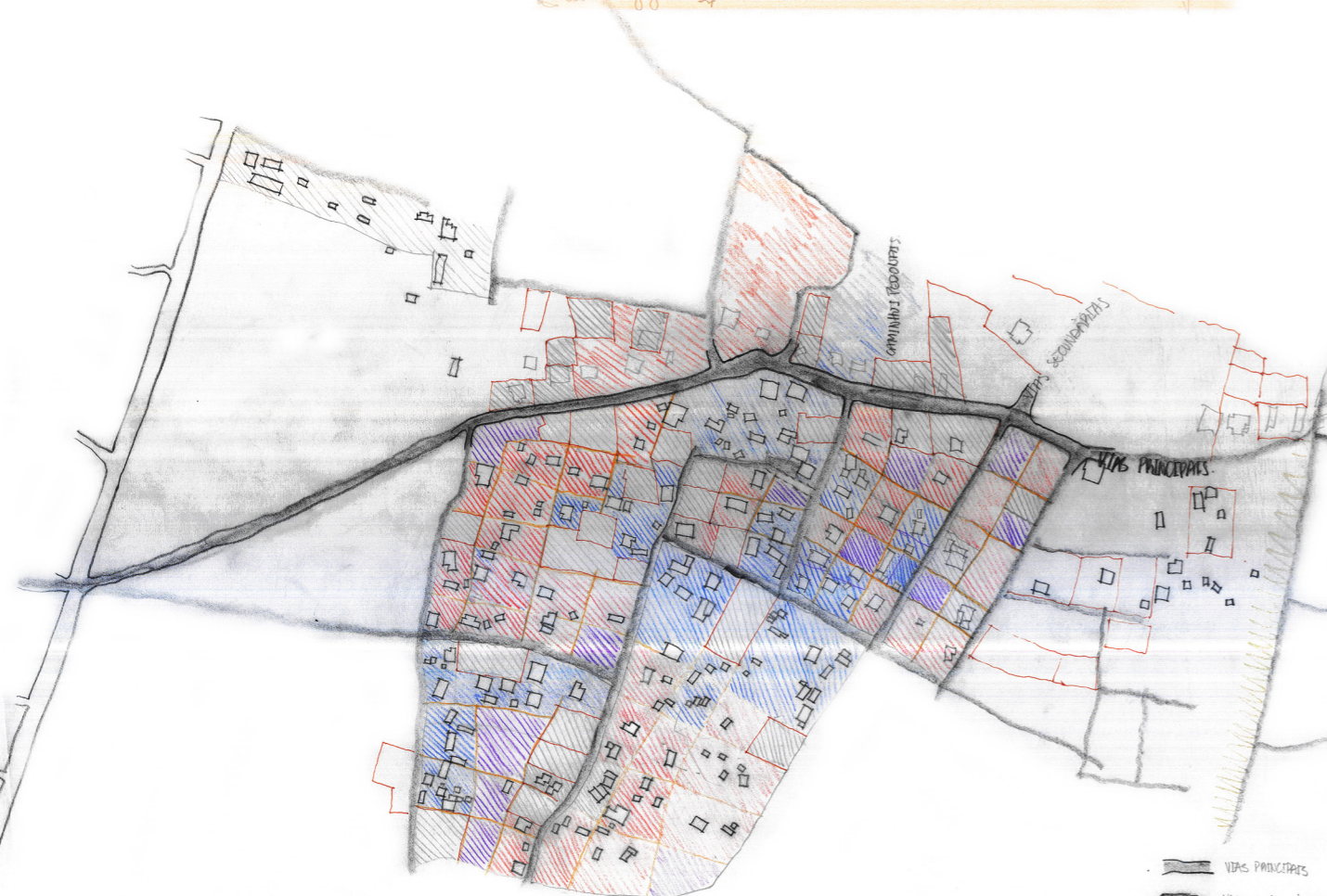
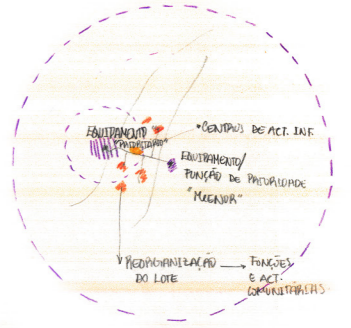


Quantos lotes na área?
Quanto os ocupados?

QUAL A ÁREA QUE OUPAM?

QUAL É A POP. QUE PASSA A PROSSEGUIR.

PERSEGUIÇÃO + DE ESPIRITUALIZAÇÃO



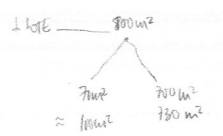
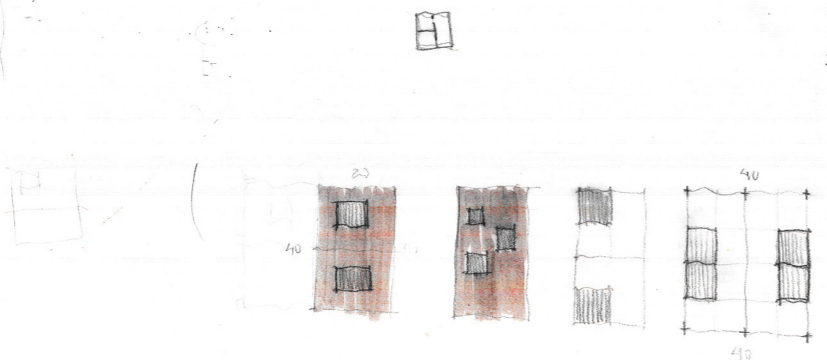
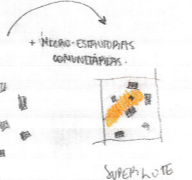
26 de Jan 6
14 de Jul 62

20 e FUNÇÕES
CENEB. CENTRO DE ESTUDOS... ESCOLA

Ocupação das
FRENTE DO QUADRANTE
HABITADO

VARIÁVEIS DIRECIONAIS PARA CADA QUADRANTE

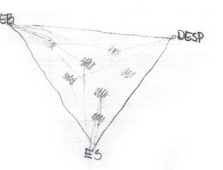
- VIAS PRINCIPAIS
- VIAS SECUNDARIAS
- VIAS TERCIARIAS
- LOTES A OCUPAR - Novos lotes
- LOTES A RENSIPICAR - (situações inferiores de custo)
- LOTES A RE-ESPIRITUALIZAR
- ALTERAÇÕES AO SISTEMA URBANO



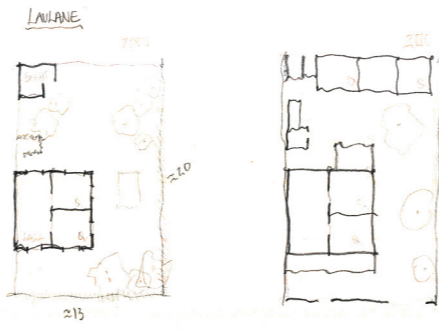
RECONDICIONAÇÃO URBANA
TRANSFORMAÇÕES POR MICROESPIRITUALIZAÇÃO
A CIDADE COMO UMA TAVELA HIGH-TECH

MINIMIZANDO A DIVERSIDADE

- INICIATIVAS POPULARES
- ECONOMIA CRIATIVA
- PRODUÇÃO E CONSUMO CULTURAL
- LIBERALIZAÇÃO INTEGRAL DO SISTEMA
- ESPAÇOS INTERMEDIÁRIOS COMO OBJETOS FUNCIONAIS, HÍBRIDOS, TRANSÍVEIS, MUDANDO DE FUNÇÃO EM TEMPO REAL
- IMPACTO ENTRE CANTO E CIDADE COMO TERRITÓRIOS HÍBRIDOS
- CO-RECONSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS MEIO AGRÍCOLA, MEIO URBANO



THE PROCESS OF DWELLING AND HOUSE MAKING



- Estrada
- Mecanismos de acesso, sobre pontões e sucatas
- Acesso a serviços
- Acesso à terra e bem comum do grupo de casas e vizinhança

Ocupação do mesmo terreno 10 casas

- PRINCÍPIOS DE OCUPAÇÃO DOS LOTES
- Ruas principais
 - Ruas secundárias
 - Acessos Redondos

ESTACIONAMENTO

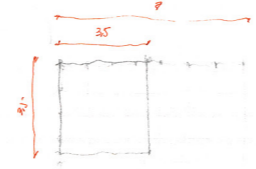
- VIA PÚBLICA (concreto...)
- LOTES COM ACESSO PELO ESPAÇO PÚBLICO
- LOTES SEM ACESSO PÚBLICO



NORMATIVAS:

- LOTES QUE DÊM PÁRPA PRÓXIMA DE RUA, DE PERMITAM ABRIR UMA PÁRPA DE COMÉRCIO
- AS PROPRIEDADES PERO INTERIO DE QUANTIDADE NÃO DEVERÃO SER PARADAS COM ESTABULOS INTERIORES A 50CM DE ALVENARIA, OU 1M COM ALGUMA VEGETAL

- CAUZELOS
- PAVIS LOCOS PRINCIPAIS
 - VANTAGENS DE CUSTOS E ORGANIZAÇÃO DE LOTE
 - PAVIS LOCOS SECUNDÁRIOS



LOTE LOMBADADE VS LOTE

LEGENDA:

- LOTES LOGGEMENTS
- LOTES CONSTRUÇÃO
- ▲ ACESSO VIA PÚBLICA PÚBLICA
- ▲ ACESSO VIA PÚBLICA PESSOAL
- VIZINHA DE ESTACIONAMENTO
- ÁREA ADJACIA
- LOTES NOVOS
- COLÉTIPO
- EQUIPAMENTO
- PROPRIEDADES HUARDAS

TO DO LIST

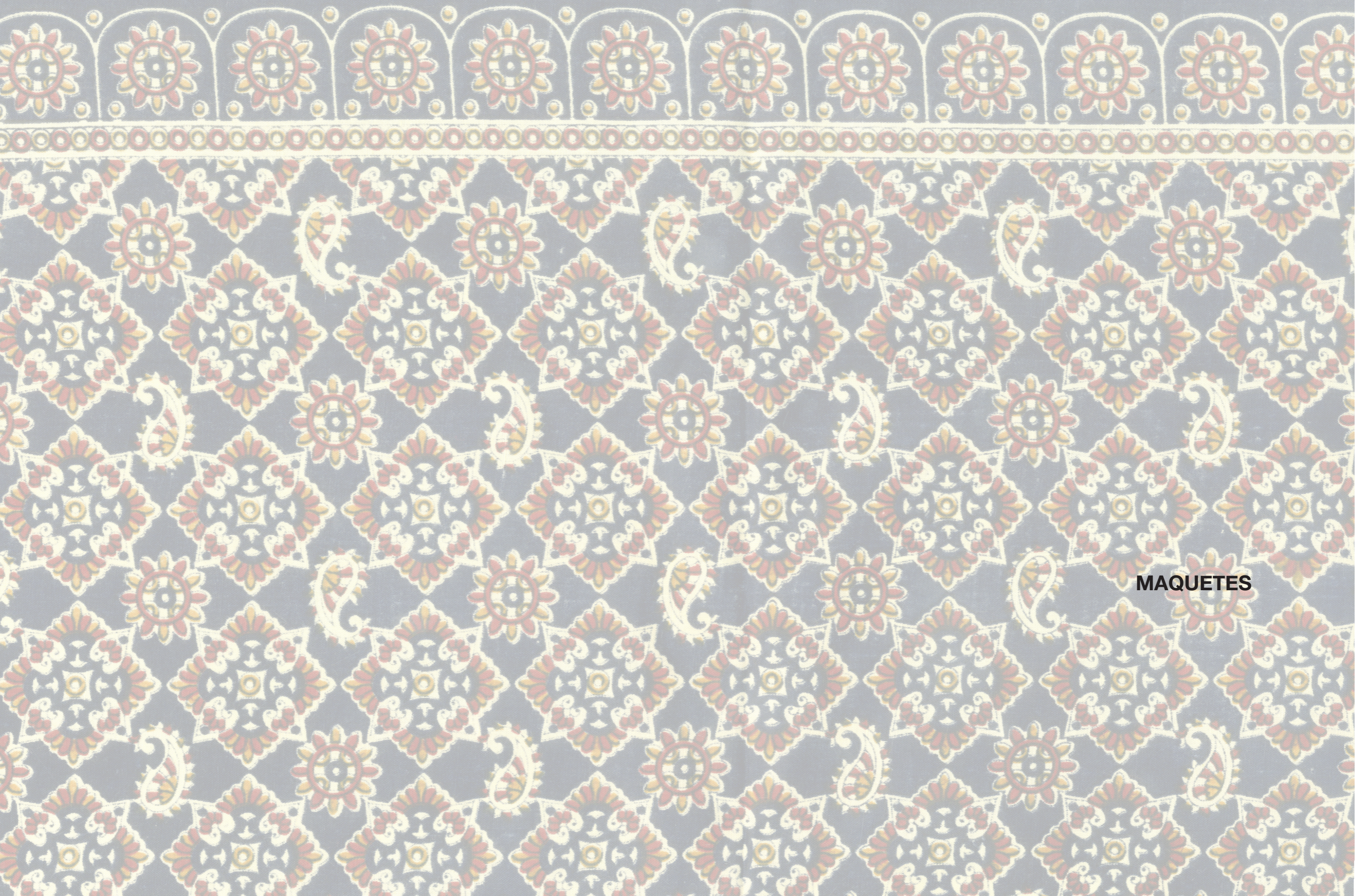
- INTEGRATED HOUSES
- THE ORGANIZATION OF THE LOTS
- "ADAPTATION OF THE LOTS"
- "LAYOUTS CONTEMPORARY"
- PREPARING DOORS THE PENNY
- "HOME SPACE MARKET": PROPOSING AND IMPLEMENTING OF THE BEST ENDPOINTS
- "HOME SPACE MARKET": "A HISTORY OF CHANGE"

6/2 2010 17/1/2010





- LEGENDA:
- EDIFÍCIO EXISTENTE
 - EDIFÍCIO PROPOSTO
 - EDIFÍCIO A DEMOLIR
 - PROPRIEDADES MURADAS
 - LIMITE DO LOTE
 - CURVAS DE NÍVEL
 - AO NÚMERO DO LOTE
 - VIAS EXISTENTES
 - VIAS PROPOSTAS
 - ESPAÇO PÚBLICO DE REUNIÃO
 - ÁREA DE EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA
 - ✳ CENTRO COMUNITÁRIO DE INT. DE QUARTELÃO



MAQUETES



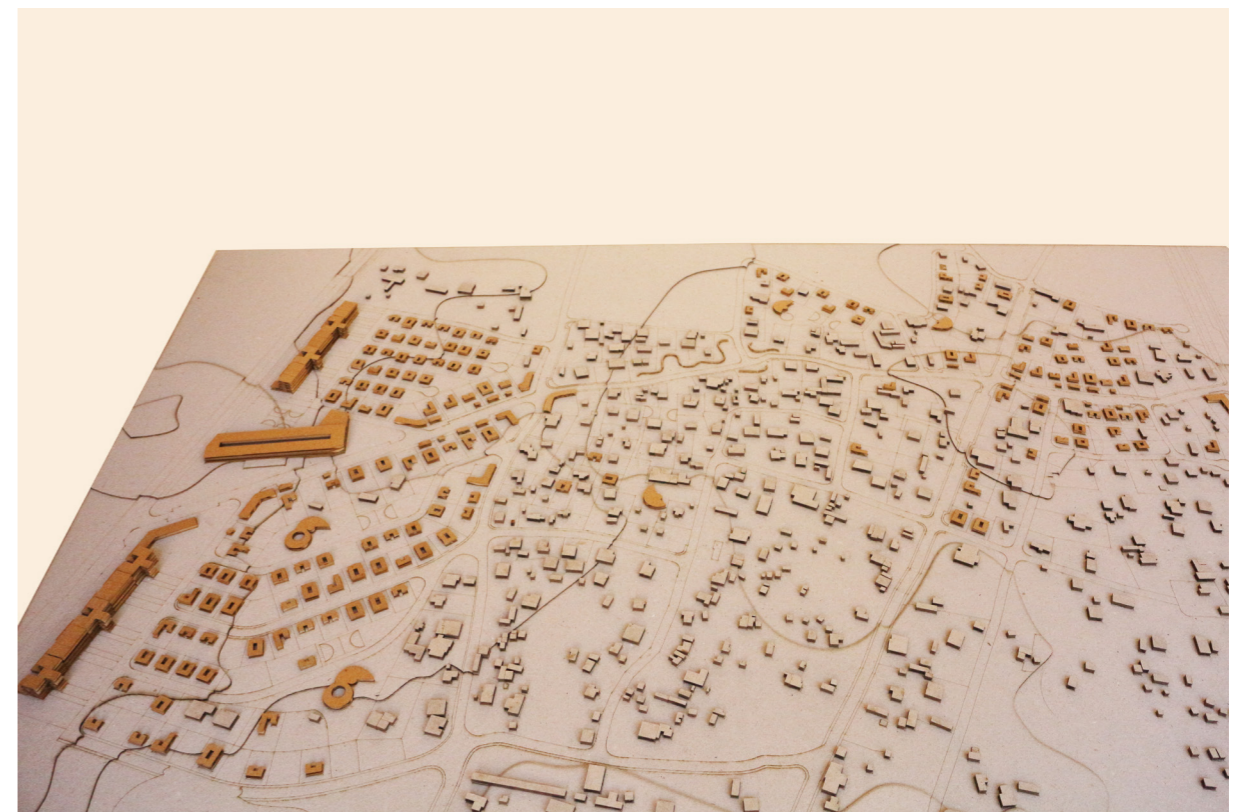
Maquete da Área de Estudo para uma primeira fase T1 | Escala 1:1000



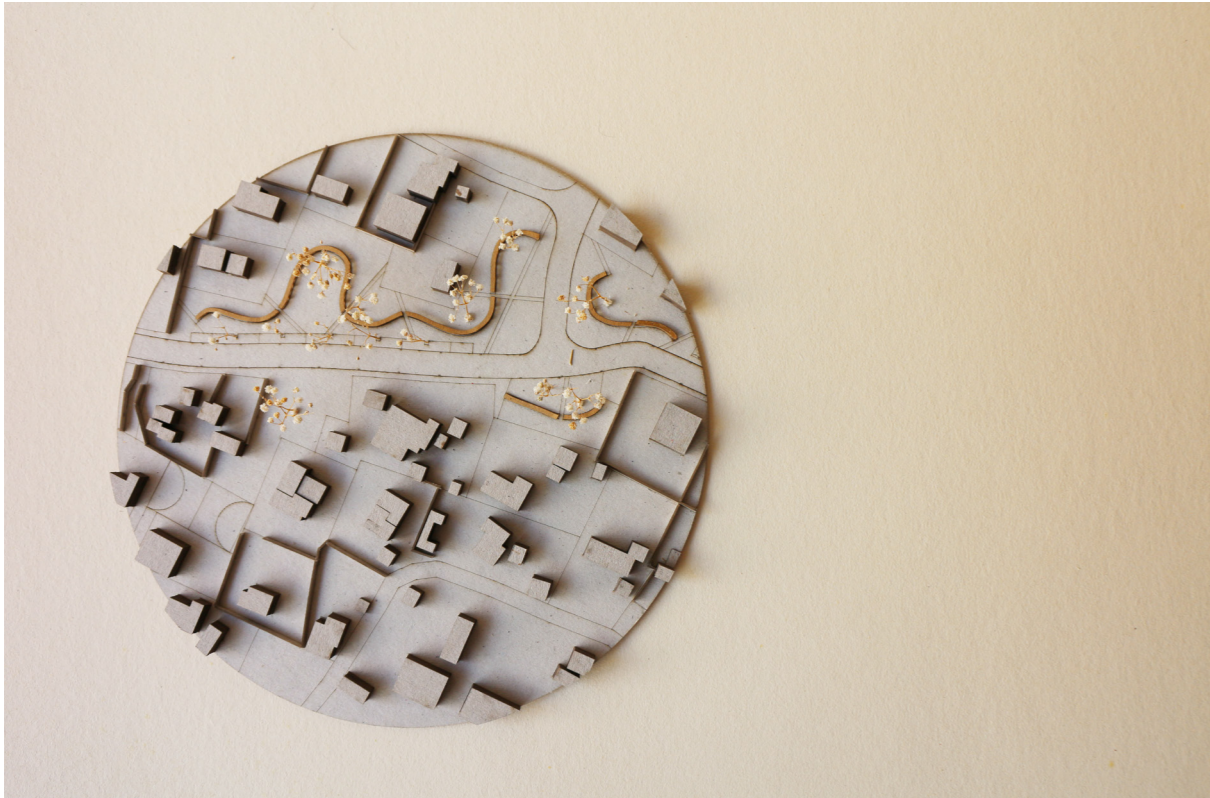
Maquete da Área de Estudo para uma primeira fase T1 | Escala 1:1000



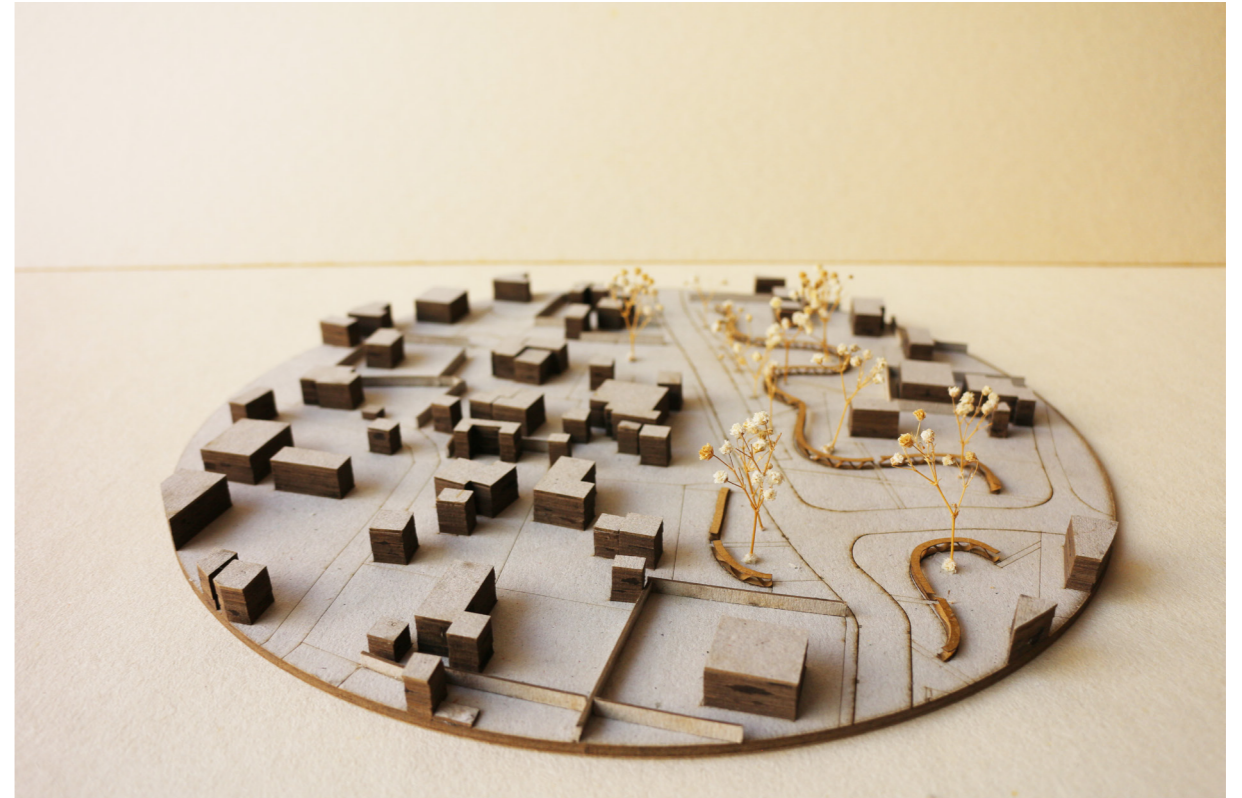
Maquete da Área de Estudo para uma fase final TN | Escala 1:1000



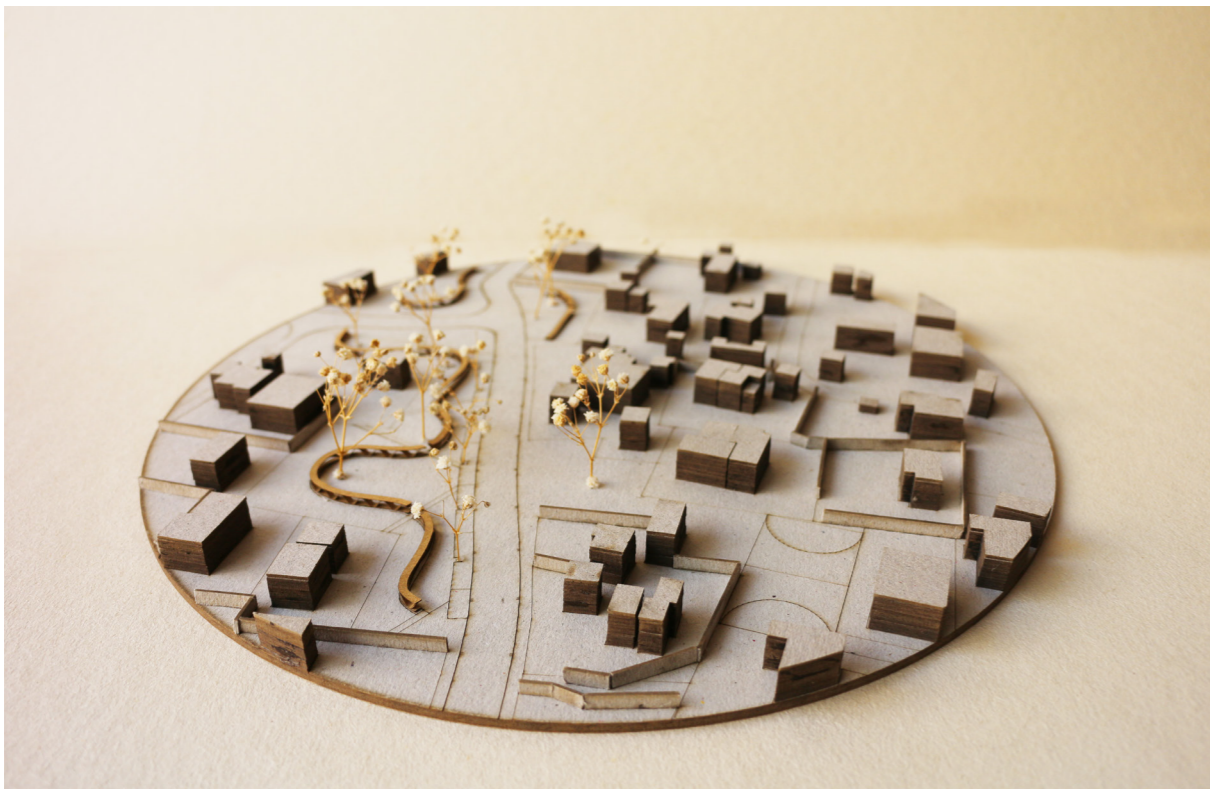
Maquete da Área de Estudo para uma fase final TN | Escala 1:1000



A Praça e o Interior de Quarteirão | Escala 1:500



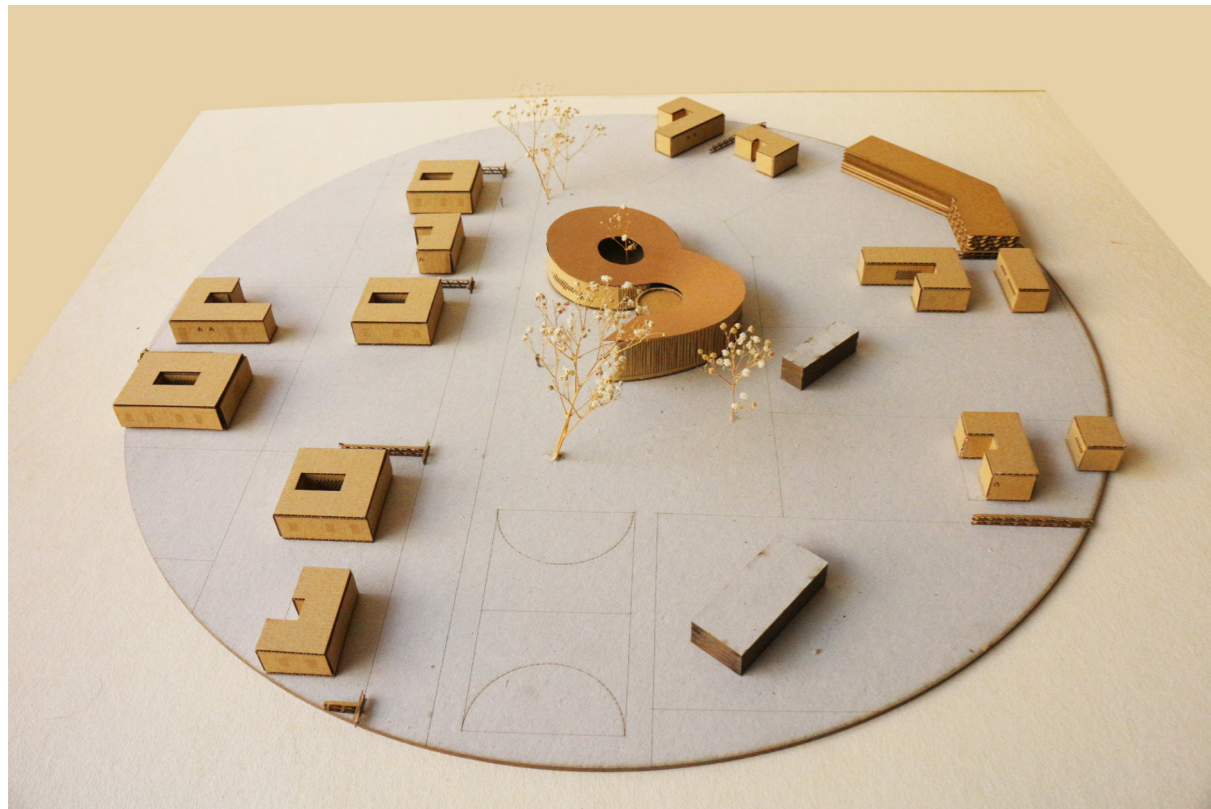
A Praça | Escala 1:500



A Praça e o Interior de Quarteirão | Escala 1:500



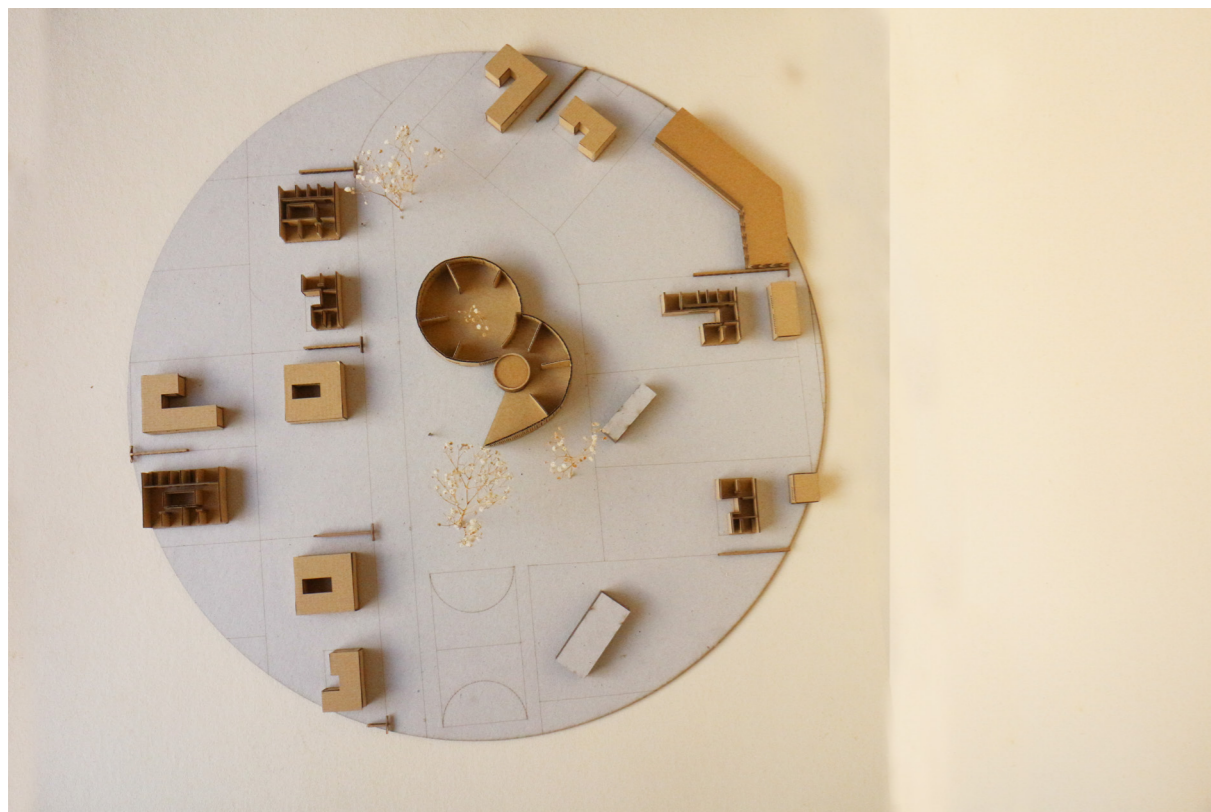
A chegada à praça | Escala 1:500



O Interior de Quarteirão | Escala 1:200



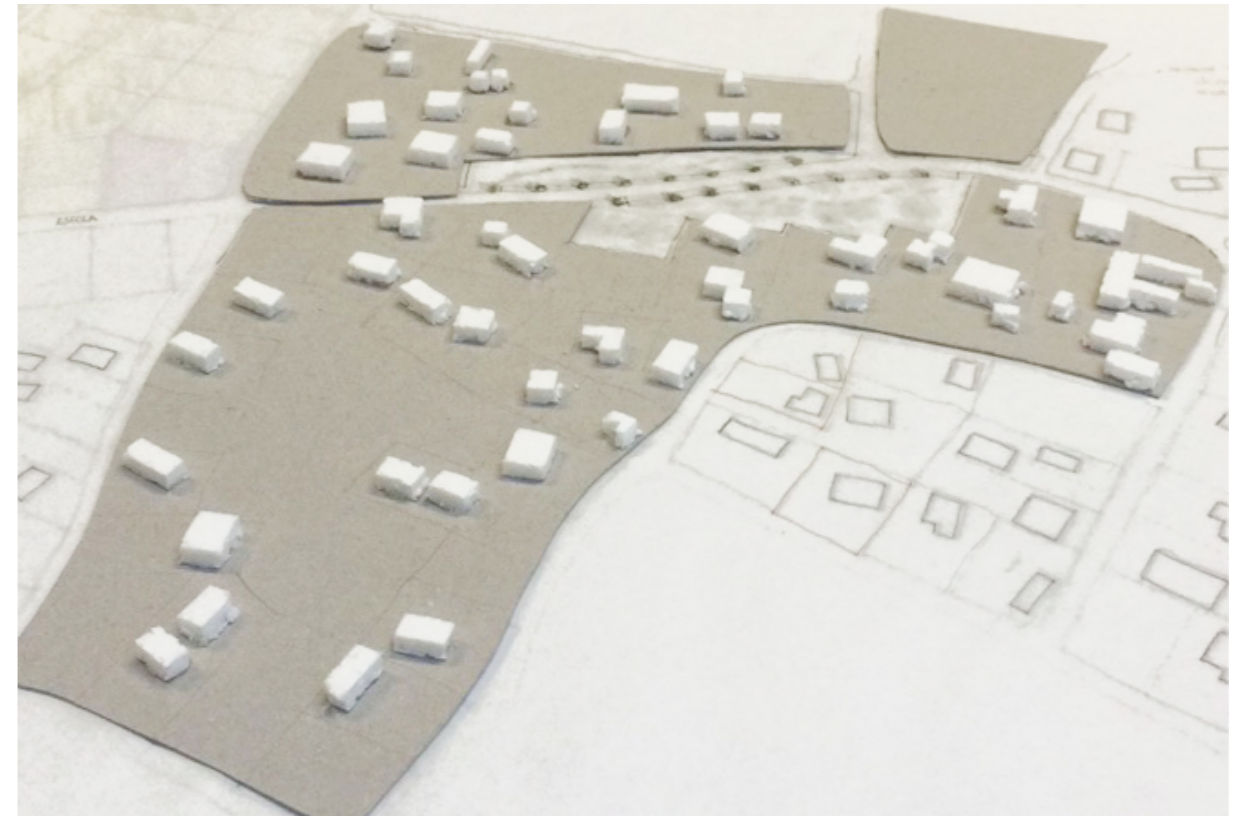
O Centro Comunitário em Interior de Quarteirão | Escala 1:200



O Interior de Quarteirão e os Pisos Térreos | Escala 1:200

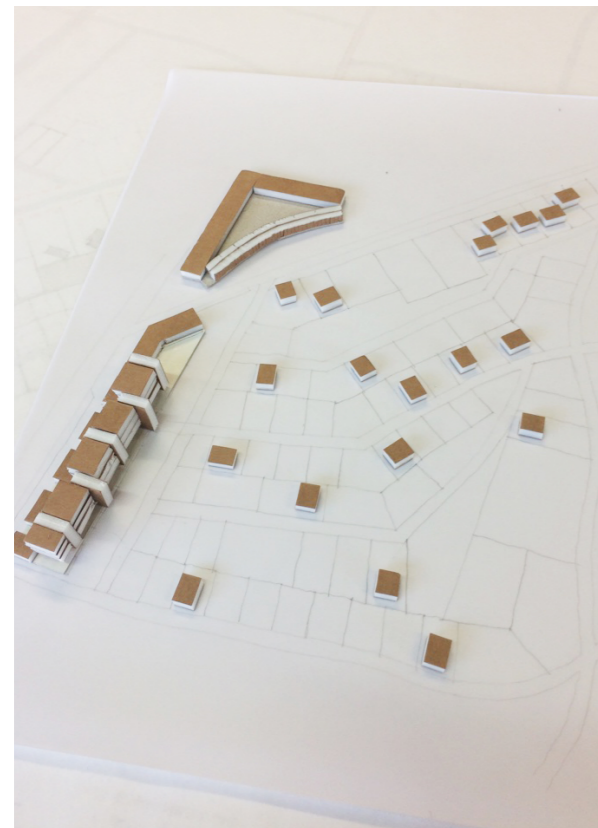
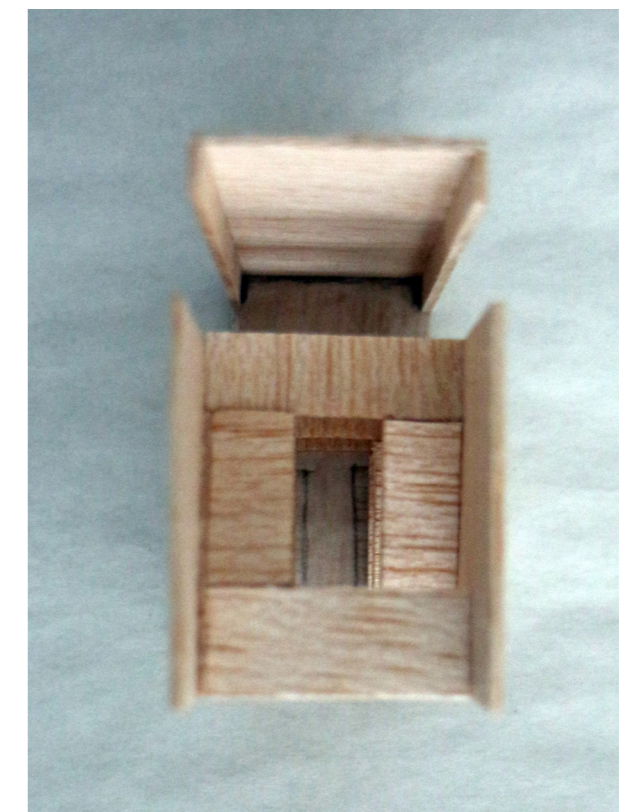
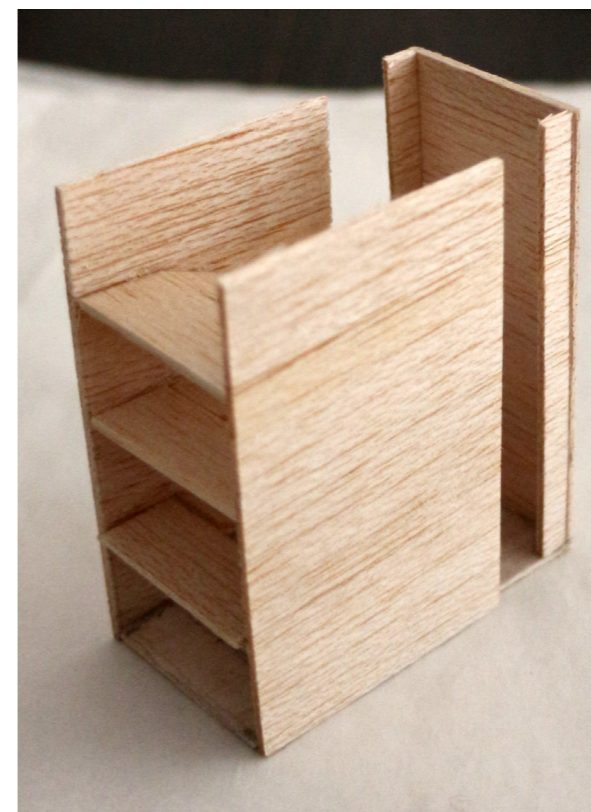
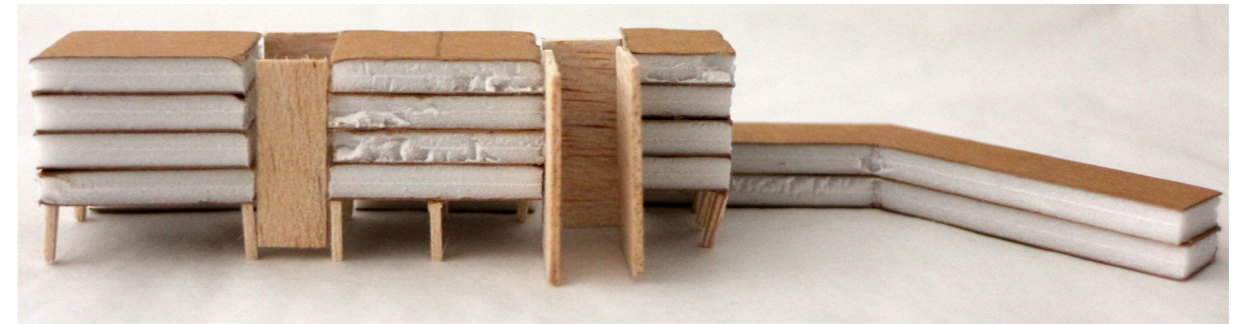
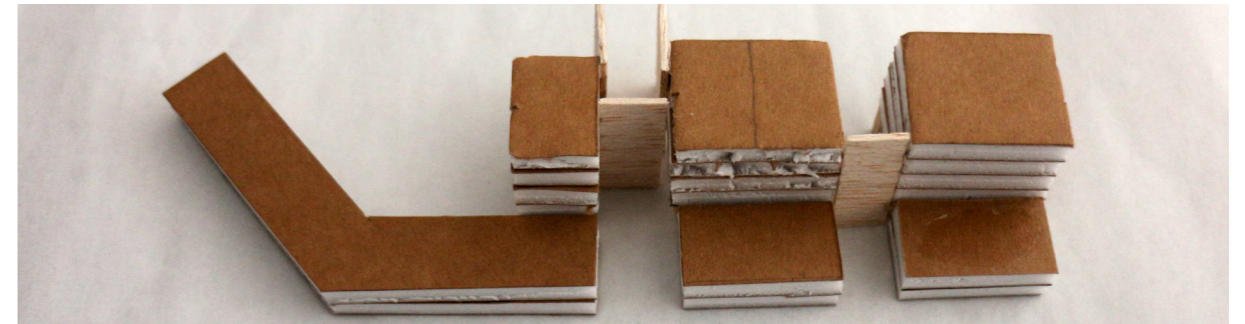


A via Terciária no Interior de Quarteirão | Escala 1:200



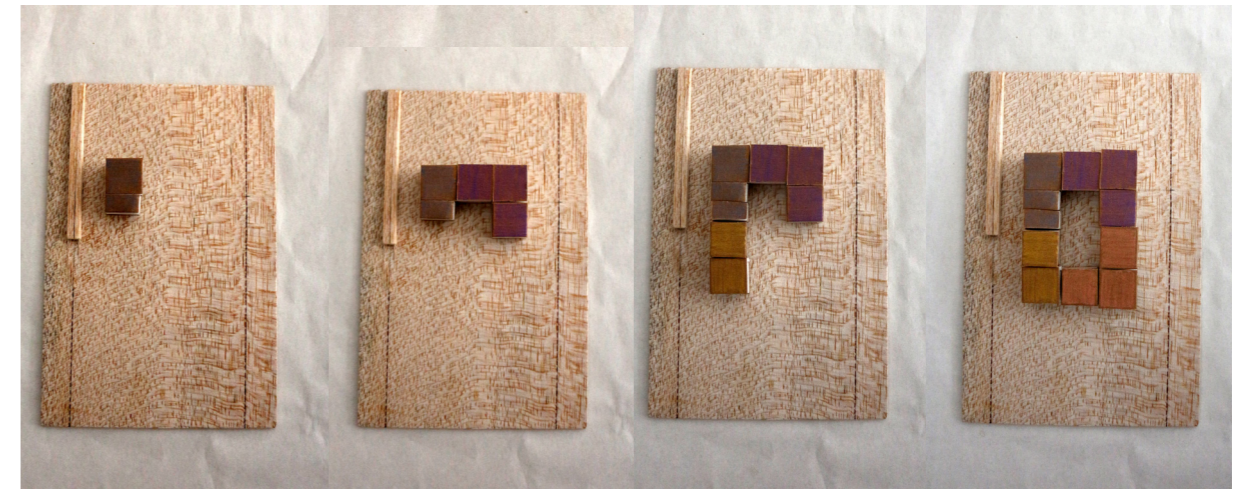
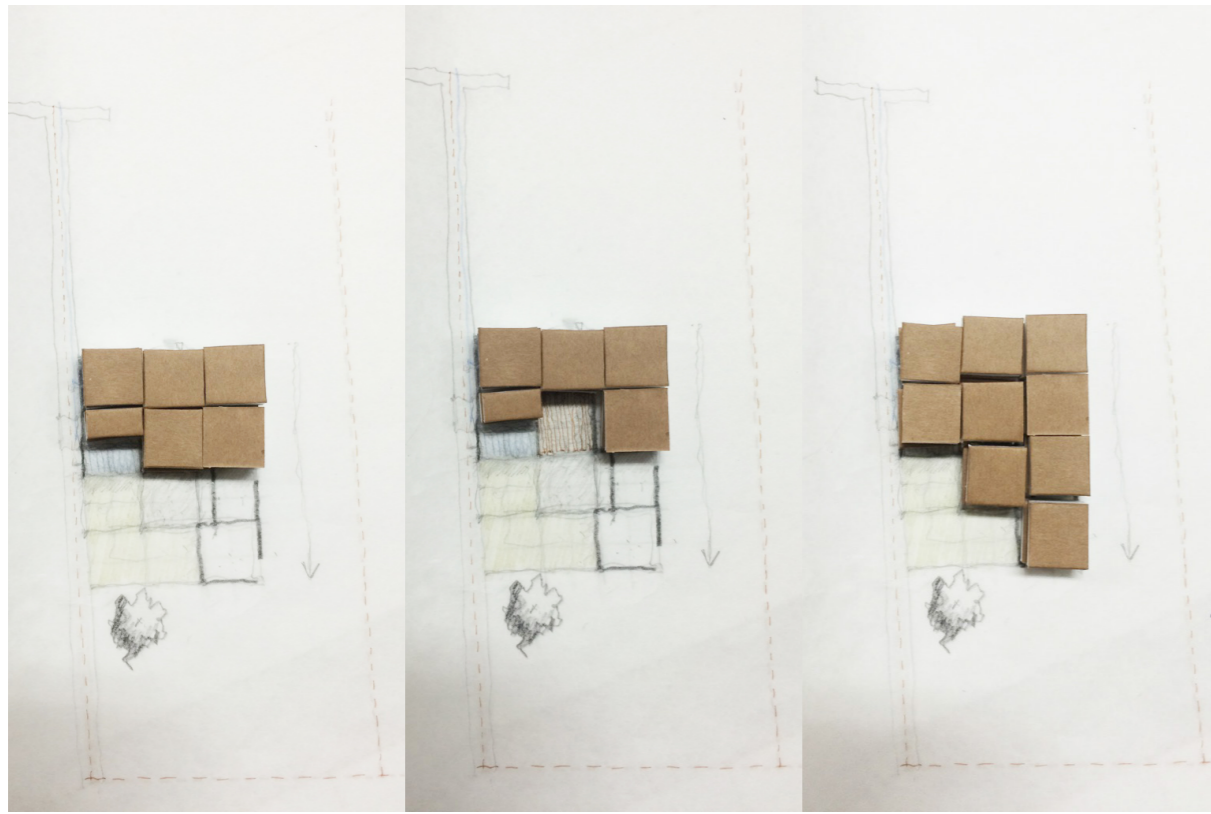
Maquete do Terreno | Escala 1:2000

Estudos sobre a Praça e o Interior de Quarteirão | Escala 1:1000

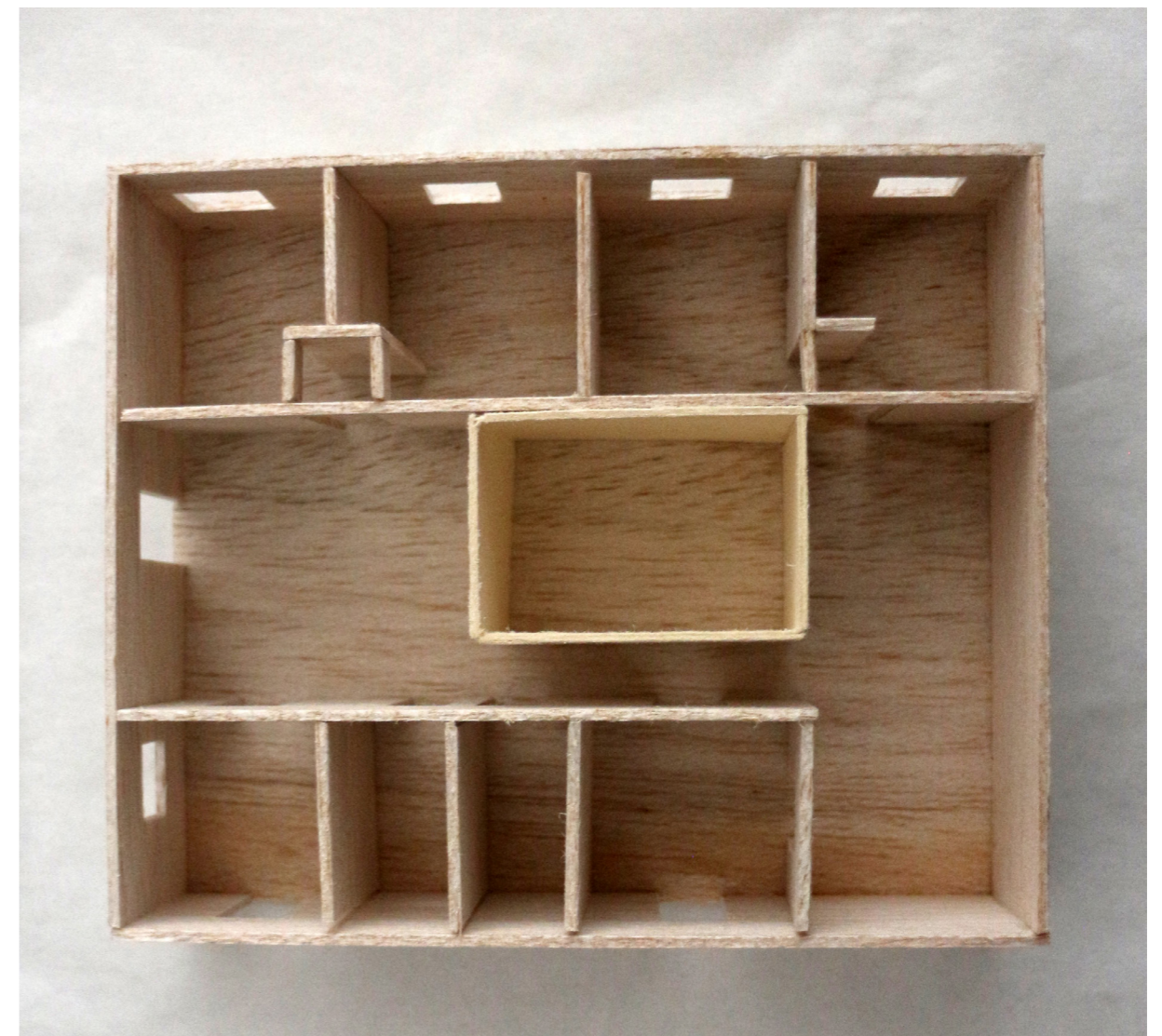
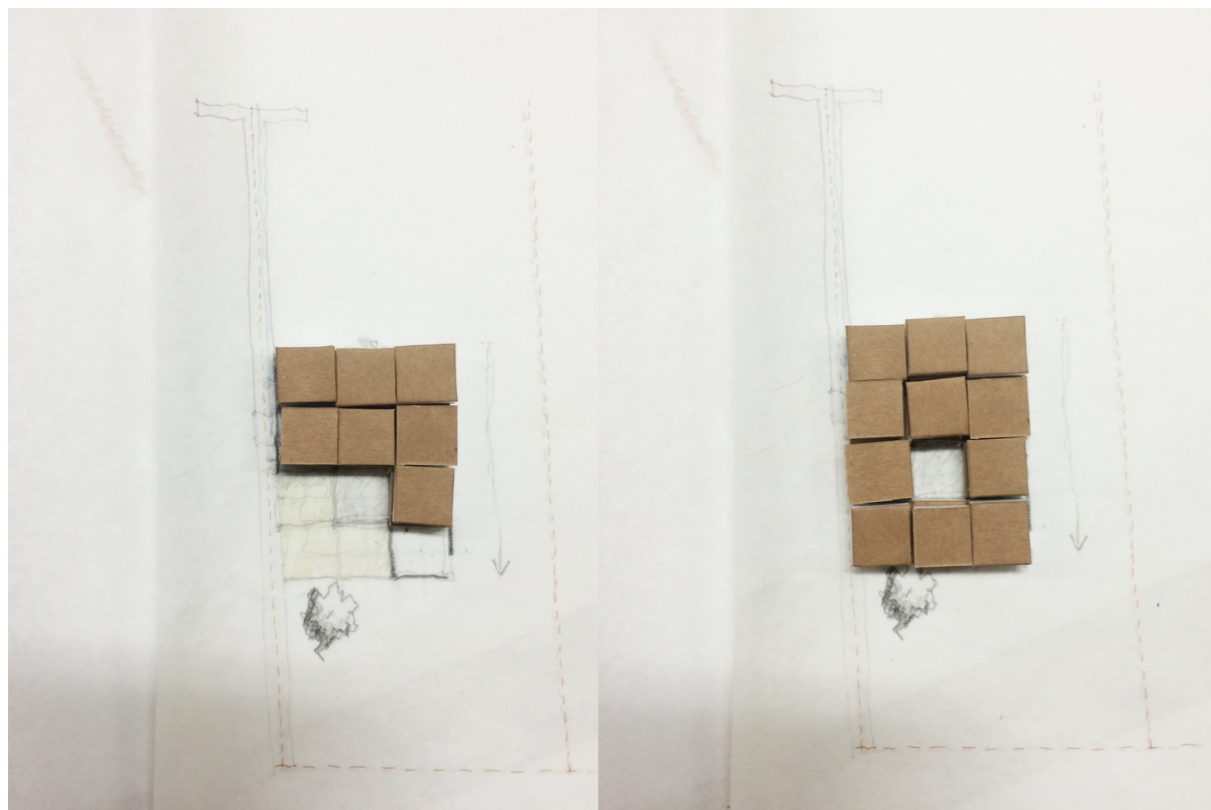


Estudos sobre o Bloco Habitacional e a sua Envolvente | Escala 1:1000

Estudos sobre o Bloco Habitacional e os Núcleos de Acesso | Escala 1: 200 e 1:100



Ensaio sobre a Evolução da Casa e da Ocupação do Lote | Escala 1:200



Estudo sobre a Casa no seu Estado de Evolução Máxima | Escala 1:100

Ensaio sobre a Evolução da Casa e da Ocupação do Lote | Escala 1:200



PAINÉIS

1 O TERRITÓRIO DO GRANDE MAPUTO

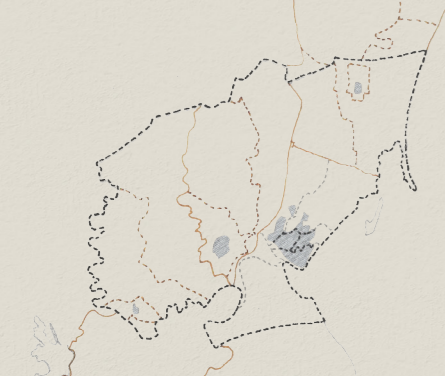
ENCAIXE TERRITORIAL

REESTRUTURAÇÃO URBANA PARA UM CRESCIMENTO EQUILIBRADO DO GRANDE MAPUTO | O CASO DE ESTUDO DE BOANE

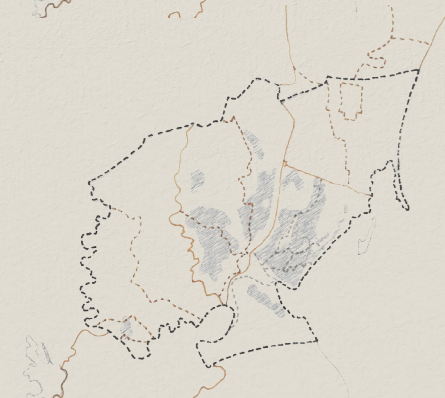
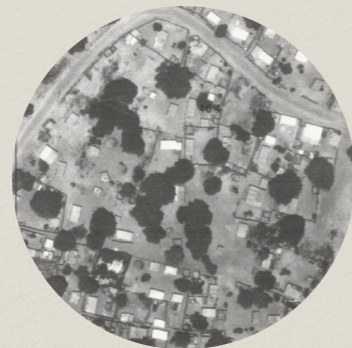
ANA PINTO JERÓNIMO | 20111079

ORIENTADORES: PROFESSOR LUIS SANCHEZ CARVALHO | PROFESSORA CRISTINA DELGADO HENRIQUES

A EXPANSÃO URBANA DO GRANDE MAPUTO

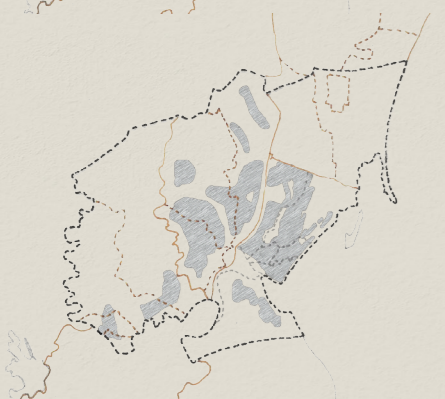


1973 | PERÍODO PRÉ-INDEPENDÊNCIA



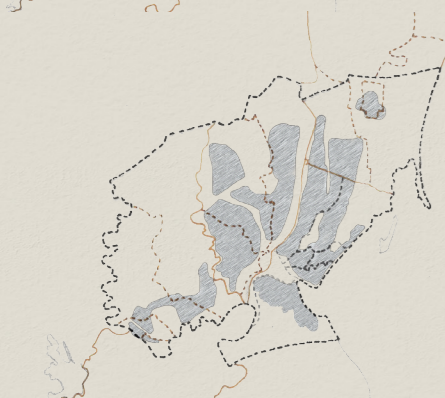
1997 | PERÍODO PÓS-GUERRA CIVIL

1.5 MILHÕES DE HABITANTES



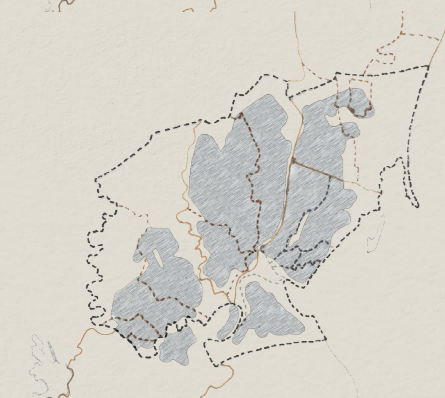
2007 |

2 MILHÕES DE HABITANTES



2016 | SITUAÇÃO ACTUAL

2.5 MILHÕES DE HABITANTES



2035 | O FUTURO DA METRÓPOLE

3.9 MILHÕES DE HABITANTES

--- GRANDE MAPUTO --- LIMITE DO DISTRITO --- LIMITE DO POSTO ADMINISTRATIVO



ESCALA: 1: 80 000

2 O NÚCLEO DE BOANE

CARACTERIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO SOLO

REESTRUTURAÇÃO URBANA PARA UM CRESCIMENTO EQUILIBRADO DO GRANDE MAPUTO | O CASO DE ESTUDO DE BOANE

ANA PINTO JERÓNIMO | 20111079

ORIENTADORES: PROFESSOR LUIS SANCHEZ CARVALHO | PROFESSORA CRISTINA DELGADO HENRIQUES

TIPOLOGIAS DE OCUPAÇÃO DO SOLO URBANO

1. CENTRO DA VILA DE BOANE



2. PERIFERIA DA VILA DE BOANE



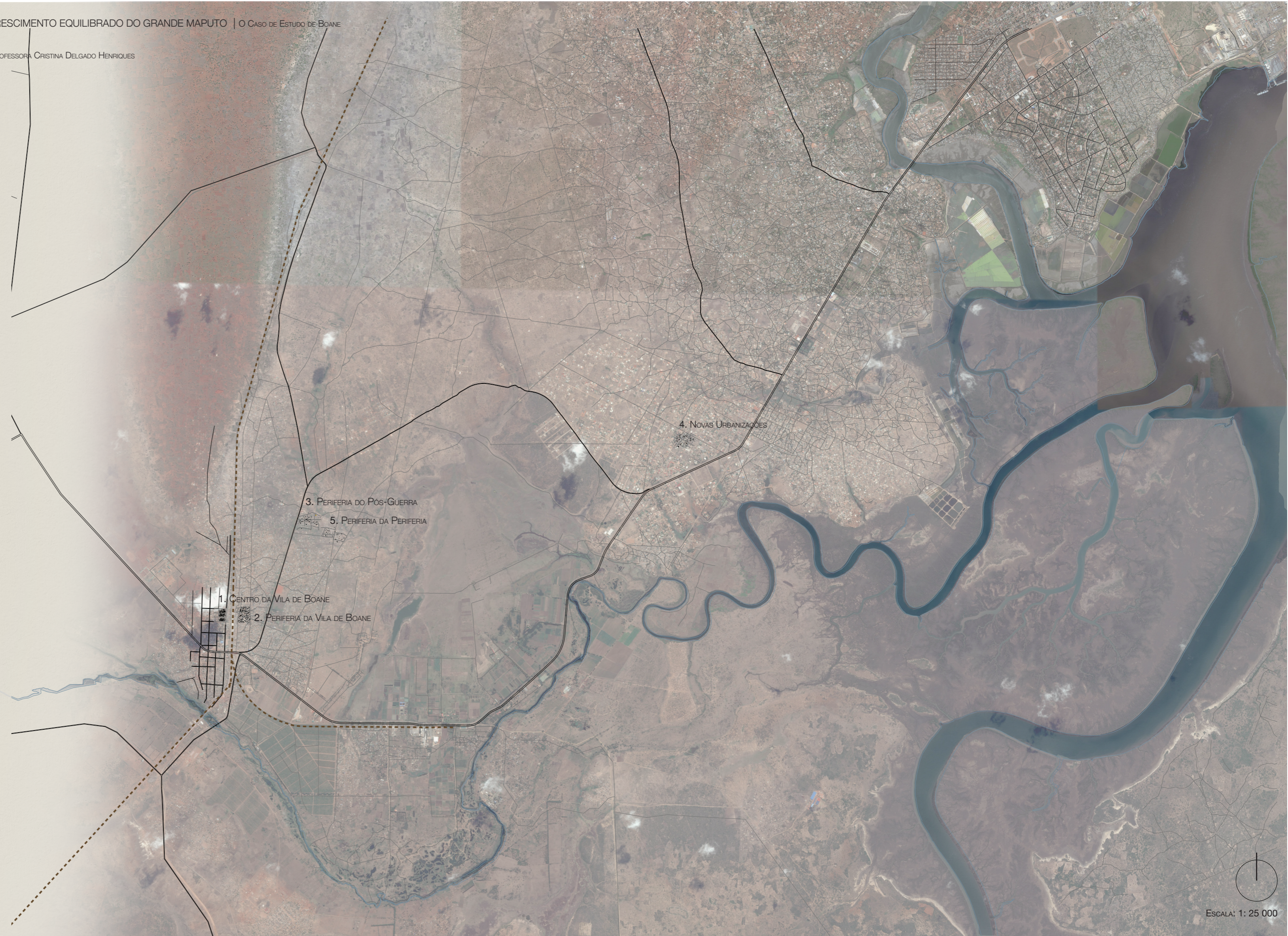
3. PERIFERIA DO PÓS-GUERRA



4. NOVAS URBANIZAÇÕES



5. PERIFERIA DA PERIFERIA

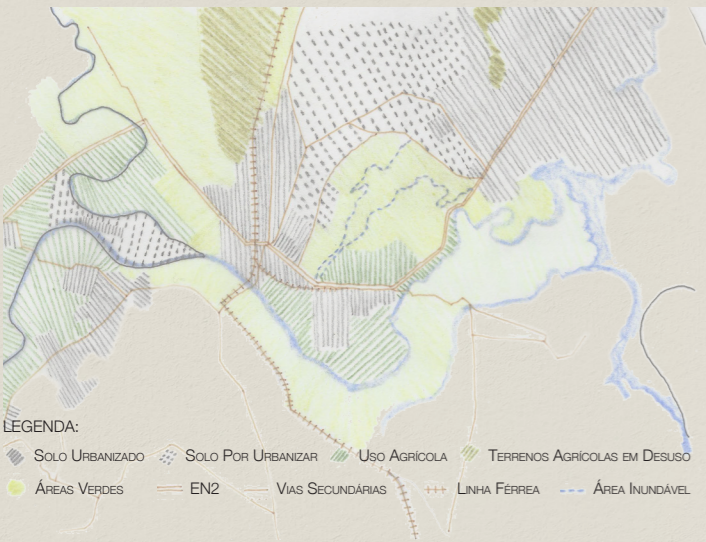


3 A ÁREA DE ESTUDO

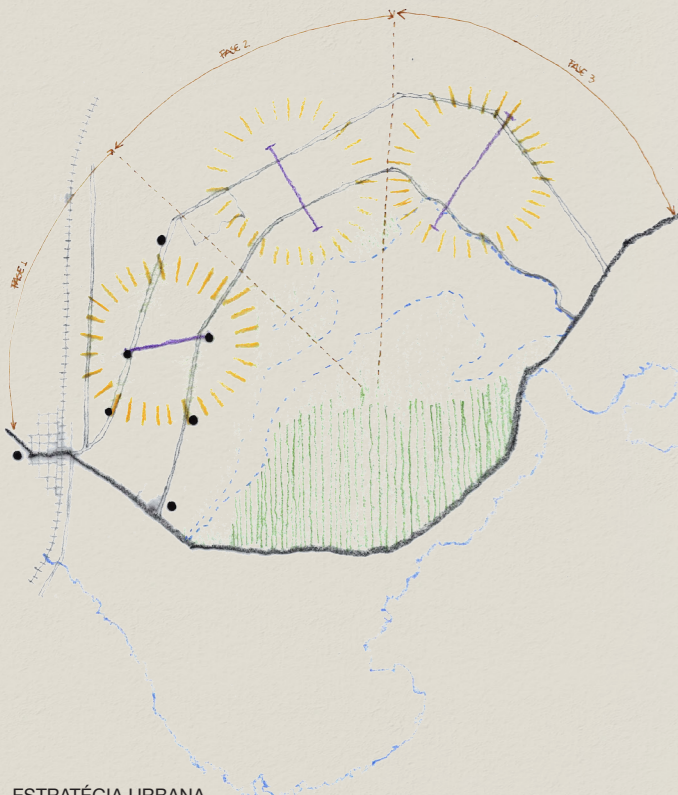
IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

ANA PINTO JERÓNIMO | 20111079
 ORIENTADORES: PROFESSOR LUÍS SANCHEZ CARVALHO | PROFESSORA CRISTINA DELGADO HENRIQUES

USOS E OCUPAÇÃO DO SOLO



ESTRATÉGIA TERRITORIAL



ESTRATÉGIA URBANA



4 PROJECTO URBANO

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO T1

REESTRUTURAÇÃO URBANA PARA UM CRESCIMENTO EQUILIBRADO DO GRANDE MAPUTO | O CASO DE ESTUDO DE BOANE

ANA PINTO JERÓNIMO | 20111079

ORIENTADORES: PROFESSOR LUÍS SANCHEZ CARVALHO | PROFESSORA CRISTINA DELGADO HENRIQUES



- LEGENDA
- EDIFICADO PROPOSTO
 - EDIFICADO EXISTENTE
 - EDIFICADO EM CONSTRUÇÃO
 - EDIFICADO A DEMOLIR
 - LIMITE DO LOTE PROPOSTO
 - MUROS
 - ▲ ACESSO AO LOTE
 - 0.00 COTA DO SOLO



ESCALA: 1: 1 000

5 PROJECTO URBANO

AXONOMETRIA

REESTRUTURAÇÃO URBANA PARA UM CRESCIMENTO EQUILIBRADO DO GRANDE MAPUTO | O CASO DE ESTUDO DE BOANE

ANA PINTO JERÓNIMO | 201111079
 ORIENTADORES: PROFESSOR LUÍS SÁNCHEZ CARVALHO | PROFESSORA CRISTINA DELGADO HENRIQUES

DIAGRAMAS

Usos e Funções



SISTEMA VIÁRIO E DISTRIBUIÇÃO DAS TIPOLOGIAS DOS LOTES

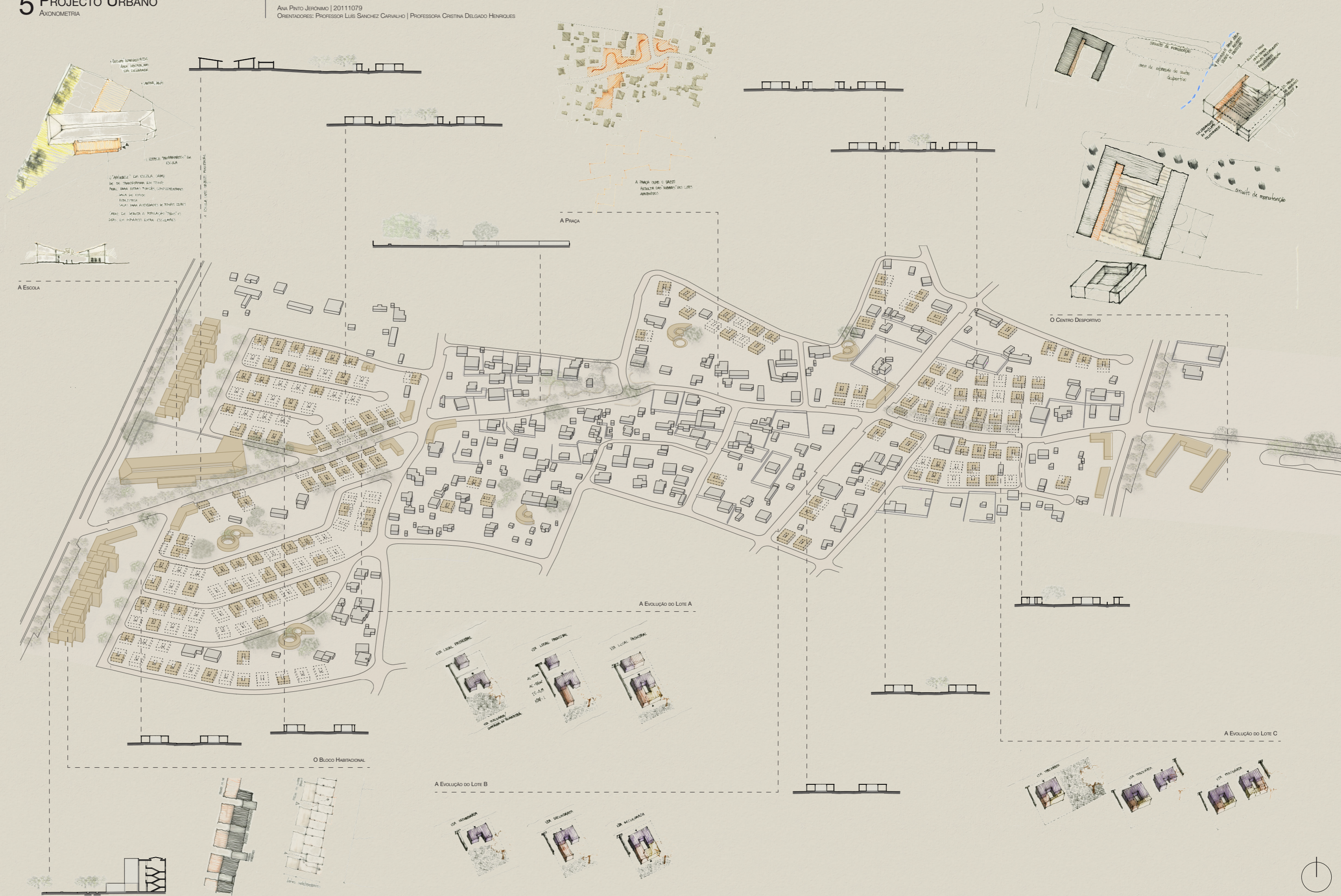


ÁREA DE INTERVENÇÃO: 31 HECTARES

LOTES EXISTENTES: 126
 ALOJAMENTOS EXISTENTES: 168

NOVOS LOTES PROPOSTOS: 156

ALOJAMENTOS PROPOSTOS T1: 189
 ALOJAMENTOS PROPOSTOS TN: 309



6 PROJECTO URBANO

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO TN

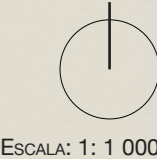
REESTRUTURAÇÃO URBANA PARA UM CRESCIMENTO EQUILIBRADO DO GRANDE MAPUTO | O CASO DE ESTUDO DE BOANE

ANA PINTO JERÓNIMO | 20111079

ORIENTADORES: PROFESSOR LUÍS SÁNCHEZ CARVALHO | PROFESSORA CRISTINA DELGADO HENRIQUES

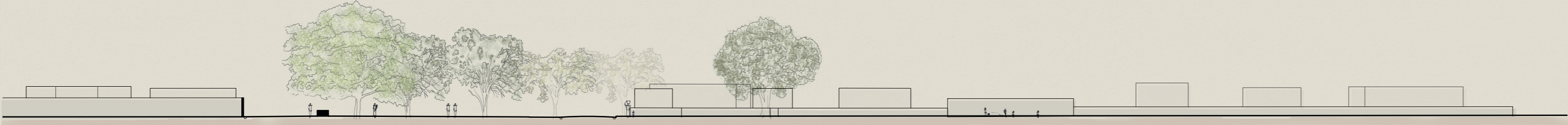
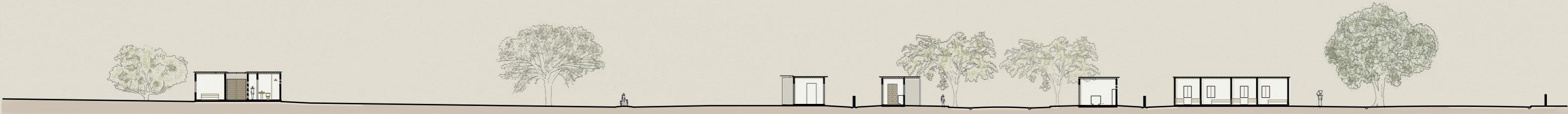
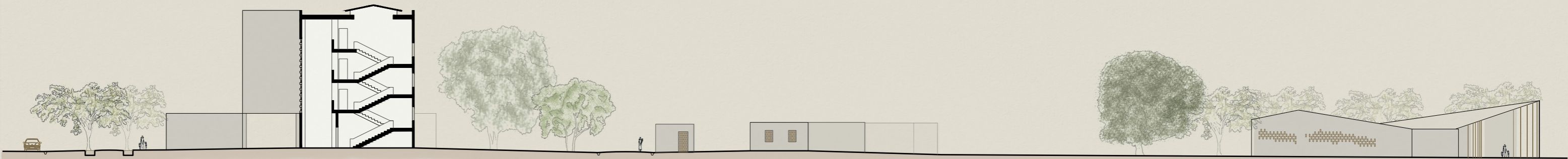


- LEGENDA
- EDIFICADO PROPOSTO
 - EDIFICADO EXISTENTE
 - EDIFICADO EM CONSTRUÇÃO
 - EDIFICADO A DEMOLIR
 - LIMITE DO LOTE PROPOSTO
 - MUROS
 - ▲ ACESSO AO LOTE
 - 0.00 COTA DO SOLO



ESCALA: 1: 1 000



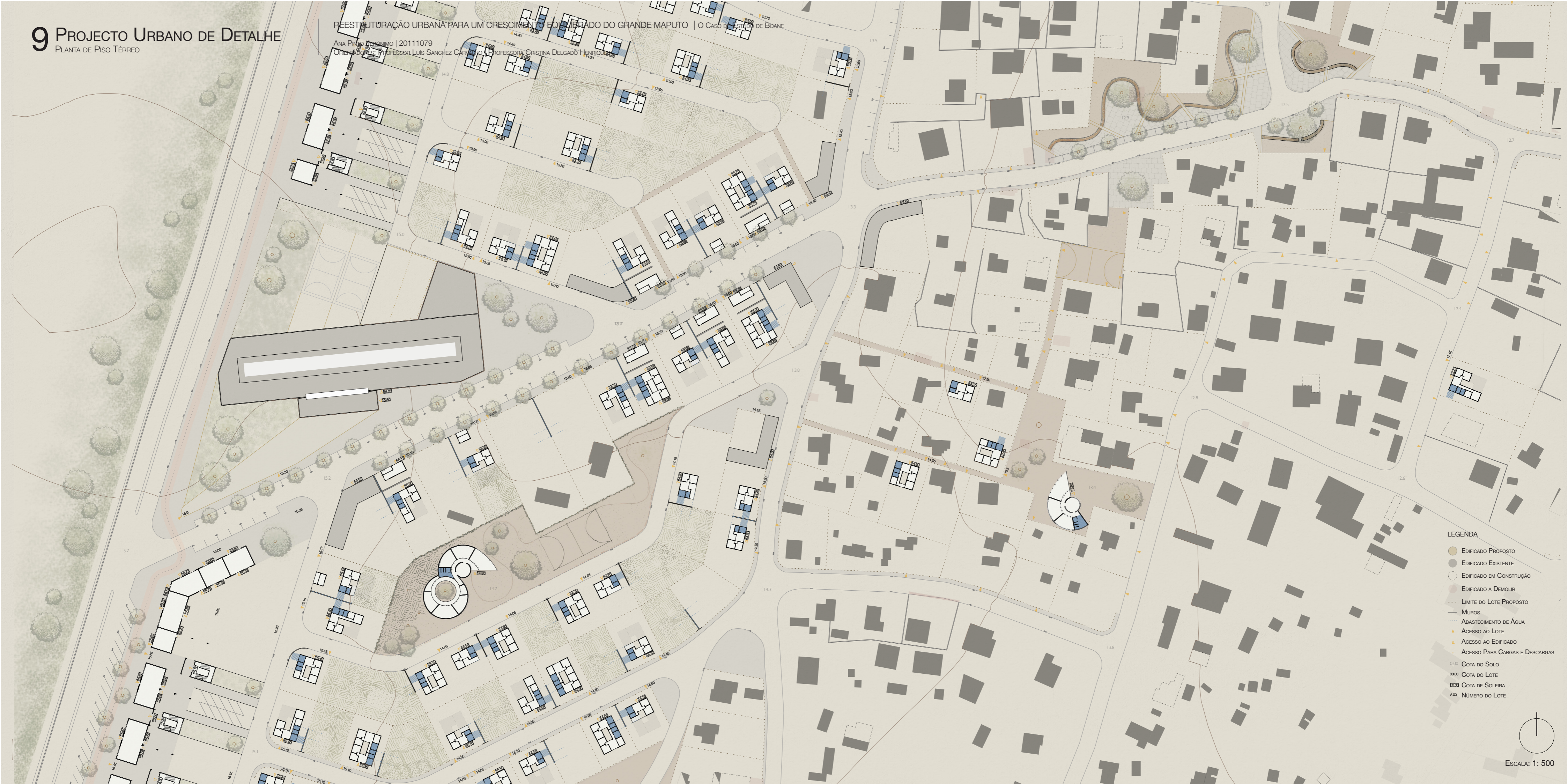


9 PROJECTO URBANO DE DETALHE

PLANTA DE PISO TERREO

REESTRUTURAÇÃO URBANA PARA UM CRESCIMENTO EQUILIBRADO DO GRANDE MAPUTO | O CASO DO ESTUDO DE BOANE

ANA PINHO | ARQUITETA | 201111079
ORIENTADOR: PROFESSOR LUIS SANCHEZ CARVALHO | PROFESSORA CRISTINA DELGADO HENRIQUEZ



- LEGENDA
- EDIFICADO PROPOSTO
 - EDIFICADO EXISTENTE
 - EDIFICADO EM CONSTRUÇÃO
 - EDIFICADO A DEMOLIR
 - LIMITE DO LOTE PROPOSTO
 - MUROS
 - ABASTECIMENTO DE ÁGUA
 - ▲ ACESSO AO LOTE
 - ▲ ACESSO AO EDIFICADO
 - ▲ ACESSO PARA CARGAS E DESCARGAS
 - 0.00 COTA DO SOLO
 - 0.00 COTA DO LOTE
 - 0.00 COTA DE SOLEIRA
 - ▲00 NÚMERO DO LOTE



ESCALA: 1: 500



REFERÊNCIAS DE PROJECTO

ESCOLA PRIMÁRIA
 LOCALIZAÇÃO: SERRA LEOA
 ATELIER: ORKIDSTUDIO



PROJECTO NAKURU
 LOCALIZAÇÃO: QUÊNIA
 ATELIER: ORKIDSTUDIO



RESIDÊNCIA DO NOVO ARTISTA
 LOCALIZAÇÃO: SENEGAL
 ATELIER: TOSHIKO MORI



